

RIL



revista literária

17

revista literária do corpo discente da ufmg

REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Patrocinada pelo Departamento de Assuntos
Estudantis do Ministério da Educação e
Cultura.**

NOVEMBRO DE 1982 * ANO XVII * NÚMERO 17

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

PLÍNIO CARNEIRO

ANA MARIA DE ALMEIDA

RONALD CLAVER CAMARGO



BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

As ilustrações da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG número 17 foram feitas por Rosa Maria Alves Pereira, servidora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Hélio Rodrigues da Silva, aluno da Escola de Belas Artes, e Rúbia Roberta, professora, e Carlos Murilo Trindade Moreno, aluno do Curso de Comunicação Social da FAFICH, todos da Universidade Federal de Minas Gerais.



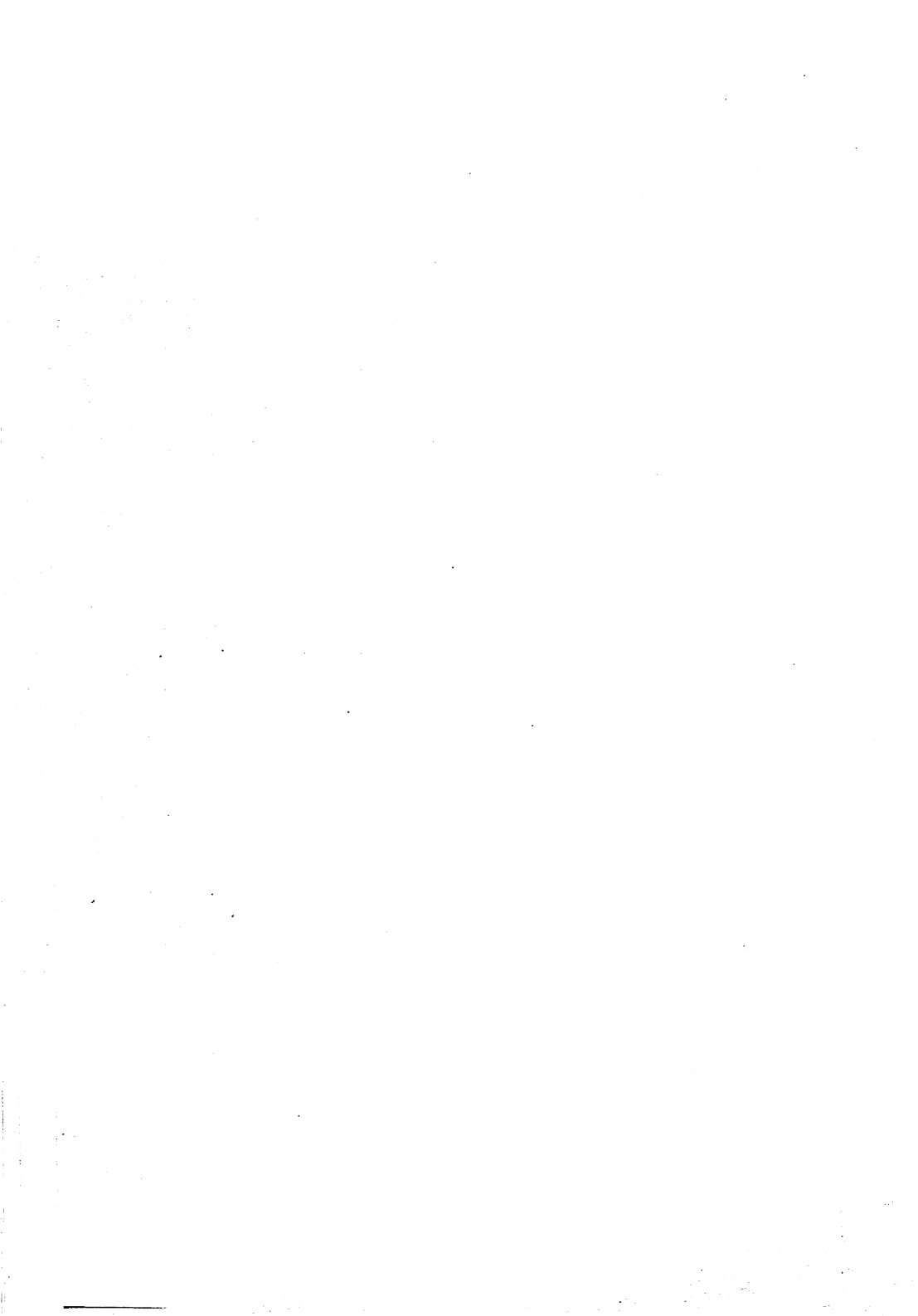
ENDEREÇO PARA CORRESPONDENCIA

SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS DA UFMG

8º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

Rua Carangola, 288 — Sala 807

30.000 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL



ÍNDICE

CONCURSO DE CONTOS

A Delicadeza do Amor — <i>Sandra Duarte Penna</i>	9
A Confraria — <i>Francisco de Morais Mendes</i>	12
Relato de um Sobrevivente — <i>Alan de Freitas Passos</i>	16
<i>Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa</i>	
Os Filhos — <i>José Wilson Barbosa de Sales</i>	23
Major Procopão — <i>Antenor Pimenta Madeira</i>	27
O Tesouro de Joaquim Malaquias — <i>Joviano Gonçalves dos Santos</i>	32

CONCURSO DE POEMAS

Água — <i>Sérgio Coelho de Medeiros</i>	43
Poesis — <i>Roberto Barros de Carvalho</i>	45
Das Coisas — <i>José Luiz Deroma e Silva</i>	46
<i>Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa</i>	
Lua Dimel — <i>Rita Espescht</i>	51
Tribunal — <i>Eduardo José Tollendul</i>	52
Timoneiro — <i>Zina Vieira</i>	54

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

Girassol — <i>Julizar Dantas</i>	61
Qu'est ce d'Amour — <i>Francisco I</i>	62
Que é do Amor — <i>Moacyr Laterza</i>	63
Artigo 1º — <i>Amador Ribeiro Leite</i>	65
Teoria — <i>Angela Lara Resende</i>	66
Cantiga 1 — <i>Leda Maria Martins</i>	68
Amar, Amares — <i>Lúcia Castelo Branco</i>	69
Matuto — <i>Maria Consuelo Porto Gontijo</i>	70

Noite Qualquer — <i>Maria do Carmo Brandão</i>	72
Emergência — <i>Maria Magdalena Lana Gastelois</i>	73
Marinha — <i>Paschoal Motta</i>	76
Blue — <i>Paulinho Assunção</i>	77
O Sol da Ânsia — <i>Salomão Souza</i>	78
Ubi Sunt das Rimas Fáceis — <i>Valmiki Villela Guimarães</i>	79
Duelo — <i>Ronald Claver</i>	81

CONTOS

Toca o Bonde, Ana — <i>Branca Maria de Paula</i>	85
Parlenda dos Quarent'Anos — <i>Danilo Gomes</i>	92
A Negrinha — <i>Plínio Carneiro</i>	94
Noite Vazia — <i>Maria do Carmo Brandão</i>	96
A Resposta — <i>Eunice Dutra Galéry</i>	99
O Dia de Quebrar o Coco — <i>Sônia Queiroz</i>	102
Deus dos Abismos — <i>Duílio Gomes</i>	105
Carta de Alforria — <i>Sandra Lyon</i>	110

ENSAIO

O Reginalismo no Universo Literário de <i>Absalom, Absalom!</i> e Fogo Morto — <i>Maria do Carmo Lanna Figueiredo</i>	115
--	-----

RESENHA

Estatística da Revista Literária	132
Relação dos Contos Recebidos	133
Relação dos Poemas Recebidos	135
Publicações Recebidas	149
Críticas à Revista Literária	151

RL

revista literária

CONCURSO
DE
CONTOS

A DELICADEZA DO AMOR

MIDRIASE

Sandra Duarte Penna

Faculdade de Medicina

Quando cheguei naquela casa e vi aqueles-olhos-aqueles-olhos, eu corri de tanta falta tanto tempo corri para o corpo dele num largo e apressado abraço, mas caminhei devagar e calma em direção ao homem e foi suave o abraço, suave o encontro.

E quando o homem disse que convivendo com ele eu ia perceber como ele era indiferente, as palavras e a voz dele eram uma ventania que me jogou com violência meu corpo contra a parede, deslizei até o chão embora tenha continuado na frente dele e dito muito mansa que eu não iria embora, ah eu não iria embora.

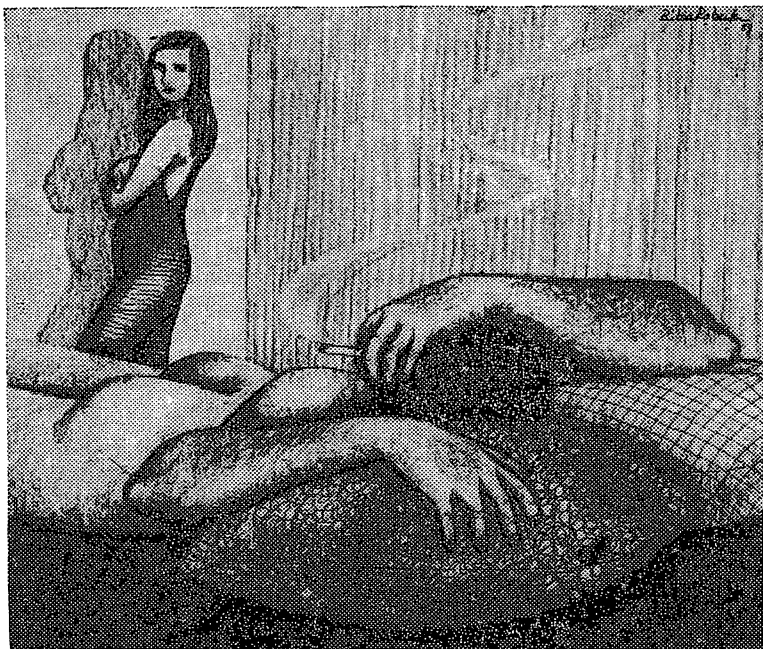
E quando entrei na casa e vi tudo estranho e ímpar como se fosse um lugar só do homem e que não me cabia, ah um medo extremo me fez atravessar a porta peguei a mala e vim embora, mas não — fumei um cigarro lá fora e cumprimentei a vizinha.

E quando era uma-hora-duas-horas o homem foi trabalhar e me deixou sozinha, andei a casa inteira e não achei nada que não conhecesse, ah eu conhecia bem aquele homem e não era por nada que eu estava ali, aquela fruta prometia muita água muito sumo, olhei dentro das gavetas e encontrei bilhetes de mulheres que não eram eu, rasguei todos eles e coloquei direitinho e inteiros no mesmo lugar.

E quando o homem voltou à noite e me disse que eu o olhava como se olhasse um santo milagreiro e que ele não gostava

do jeito apaixonado do meu olho, eu que sempre tive grandes olhos de vaca olhei para ele com imensos olhos de veneno e raiva, meu corpo avançou como um animal ferido e continuei sentada exatamente como estava, me danando para controlar o olho e a paixão.

E quando era a segunda noite ele me disse que gostava do meu cheiro e que eu não atrapalhava a casa dele porque era silenciosa e delicada, eu sentada sobre minhas patas sentia o corpo quente, calor — violento e cândido calor, até que minhas pernas se armaram num salto e ele apagou a luz e foi dormir.



E quando apaguei a luz na terceira noite e fui tateando no escuro até achar o rosto dele, a boca e o corpo, eu achei o rosto dele, a boca e o corpo — eu achei o homem e o homem me achou, assim como na quarta e na quinta noite.

E quando no sexto dia ele amanheceu calado, eu fiquei desconfiada; rondei a casa o dia inteiro com o coração em solavancos, rasguei novamente todos os bilhetes. A noite veio anunciando um pesadelo e o homem me mandou embora — que o coração dele sentia um perigo e ele não queria nem amor nem mulher, e que eu entendesse — e eu entendia apenas uma dor que não se conta, sua palma minha alma. E eu via as paredes, o teto, o homem deitado nas almofadas, eu via apenas uma dor que não se conta, meus braços cruzados em nó a garganta, essa fúria de relâmpago sem trovão, e via umas patinhas avançando lentas pelas flores da almofada, meio amarelas, meio ocre, entre aquelas florezinhas. Florezinhas delicadas, rosa e azul. Eu também tão delicada não imaginava que naquele lugar houvesse desses bichinhos, e o que eu via agora era um escorpião passeando seu veneno da esquerda para a direita assim tão devagar, tão devagar. Ali naquele canto descansava a mão do homem, uma aranha, dois insetos quase se encontrando. Dois insetos quase se encontrando, eu puxei rápido o homem pela mão e ele guardou o escorpião dentro de um vidro; mas não. Na parede minha sombra foi trançando o meu cabelo, florezinhas florezinhas, e o grito que o homem deu naquela hora, eu não sei, não tenho idéia por que foi.

A CONFRARIA

ICARO

Francisco de Morais Mendes

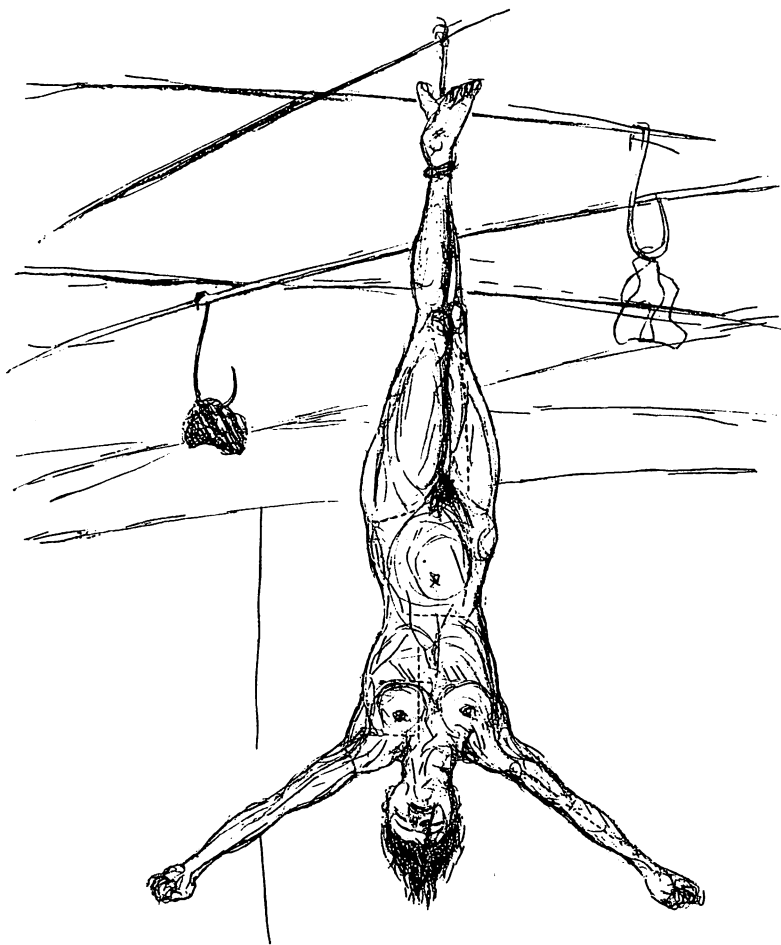
Curso de Comunicação Social — FAFICH

Minha mãe me disse certa vez, entre lágrimas, que se eu me descontrolasse, estaria perdido. Não perdi o controle sobre mim, mas sobre eles, o que vem a dar no mesmo quanto a minha perdição. Amargamente certa minha mãe.

Minha memória nunca precisou datas. Sempre comi carne crua. O que perde na infância meu primeiro pedaço. A convivência social me obrigou a aceitar a carne mal-passada, única forma tolerável de suportar o flagelo. A vida social não é feita senão de concessões estúpidas e autoflagelo. Sei como são tensas as pessoas obrigadas a variar de talher numa mesa. A sensação que se tem é a de que não se alimentam, apenas cumprem tedioso ritual.

A carne assada sempre me provocou engulhos. Uma vez, almoçando em casa de parentes — hábito odiável a que me obrigavam — adoeci, subitamente, à mesa. Minha mãe levou-me para casa, menino indefeso, e deixou que me satisfizesse. Enquanto eu comia com as mãos um pedaço de carne, ela percebeu em meu olhar algo que traduziu como voracidade animal. Foi quando disse que, se eu me descontrolasse, estaria perdido.

A simples idéia de carne crua, muitas pessoas esboçam um vômito. Em toda minha vida, encontrei cinco e apenas cinco pessoas, nenhuma mulher, que viam prazer no mesmo hábito. No dia em que inaugurei o sítio, selamos um pacto e fundamos a Confraria.



Minha perdição é consequência de um erro que não percebi a tempo. Líder natural, exerci fascinante autoridade, sem excessos, sem leis. Uma liderança tão sutil que não chegava a ser percebida. Nunca poupei esforços quanto a procurar a melhor carne, como sempre evitei que houvesse faltas.

Nos fins de semana, reunimo-nos religiosamente. Para isso, foi preciso que o Mário rompesse um casamento de doze anos. O Genaro também deixou para trás família e estabilidade. Mostrei-lhes que fora do prazer não há salvação. Minha serena liderança nunca sofreu restrições, exceto nas vezes em que o César tentou propor sugestões ao preparo da carne. Discordamos quanto ao sangue. O César sempre quis que experimentássemos. Não suportou sequer o cheiro.

Quis compreender o César, supondo que os homossexuais tenham preferências diferentes das nossas. Aparentemente, nada revelava isso. A única diferença sensível estava no fato de que a energia que fazemos fluir em ferrenhas lutas corporais, ele a transubstanciava em sensualidade. E uma pergunta que não consigo responder é se a carne crua provoca nas pessoas uma tendência homossexual. Não vejo em mim nenhum impulso nesse sentido e meu hábito não é posterior ao do César, herdado do pai. Mas o Mário e o Caio, depois da Confraria, passaram a demonstrar as mesmas inclinações do César. Cheguei a crer que fosse apenas uma questão de convivência.

É provável que aí esteja o erro que procuro. Nesse emaranhado de dúvidas, a única certeza que tenho é a de que agora são três contra três, mais o fato de que o Júlio e o Beto, que como eu continuam desejando apenas mulheres, começam a concordar com o César num ponto: quando me acusa de conservador, de homem que limita e disciplina seus prazeres.

Há duas semanas, o César propôs provarmos a carne humana. Um calafrio mórbido percorreu minha recusa. Jamais tal ato me passou pela cabeça. Voto vencido, trouxeram uma moça. Sem sangue, exigi. Deixamos o corpo de cabeça para baixo, para escorrer.

Não foi a melhor carne que já provamos, mas admitimos todos que não era de se desprezar. O seio foi nossa decepção, massa gordurosa e sem sabor. Mas os músculos são indiscutivelmente ótimos.

«Nunca me neguei a fazer concessões aos hábitos sociais. Por uma razão muito simples. Quando alguém fere o pacto social,

toda a humanidade se arvora, animaisicamente. Vejam a fúria com que se lançam os promotores no desejo de imputar a maior pena. Há pouco tempo, eu estava num frigorífico. Dois sujeitos, que também escolhiam carne, conversavam. Um dizia ao outro que um seu amigo era ótimo promotor porque no ano passado tinha aplicado, no total de penas, seiscentos anos de cadeia. Os justos se tornam sanguinários ao menor pretexto. Queiramos ou não, cometemos um crime. A sagrada ira humana se lançará sobre nós. A polícia vai descobrir isso, mais cedo ou mais tarde. Pagarémos caro nossa concessão ao prazer.»

Meu discurso é em vão. O César não pensa assim. Propõe que agora provemos a carne de um homem. Concorda comigo que arriscamos. Para evitar isso, quer o sacrifício de um de nós. Tento dizer que ele está louco. Suas palavras se sobrepõem às minhas. E dessa vez com sangue, decide. Relutante, tento me opor. Mas a voracidade animal a que minha mãe se referia é a única maneira que encontro para explicar o olhar do César e dos outros. Principalmente do César. Em direção a mim.

RELATO DE UM SOBREVIVENTE

ONÇA PINTADA

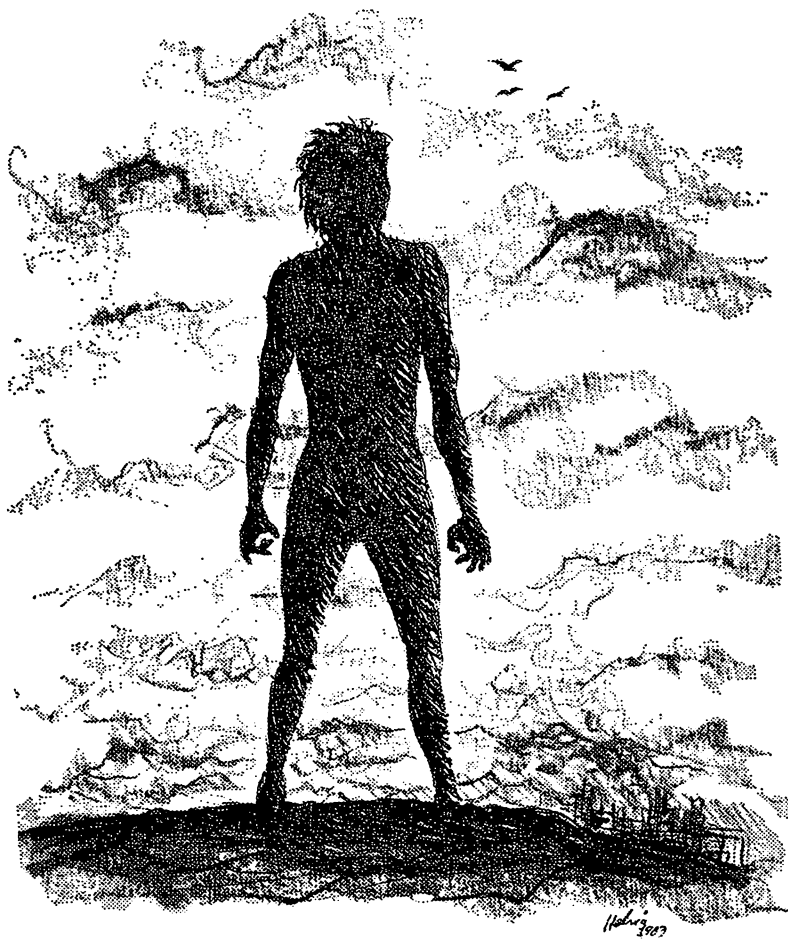
Alan de Freitas Passos

Curso de Filosofia — FAFICH

«The words of the prophets are written on the subway walls and tenement halls, and whisper'd in the sounds of silence.»

(Fragmento de uma canção popular muito famosa na época.)

Três dias. Três dias neste outeiro. É hora de decidir. Creio mesmo que a decisão já está tomada, já me tomou como açúcar bem dissolvido em água. Ou fel. É necessário beber do cálice. Um dia brigamos porque ela estava cansada e não quis coar café, também já era madrugada, mas nada disso era desculpa. A gente nunca chegaria a um acordo sobre o que é um café doce e um café amargo. Incompatibilidade de paladares... Não, não posso me embriagar na vertigem agridoce das reminiscências. Tenho que me resolver, fazer alguma coisa, pensar, não sou enfim um ser racional? É preciso colocar em ordem as idéias, os desejos, como foi mesmo que tudo aconteceu? Terá sido alguns dias após o solstício de junho. Já havia sinais, não há dúvida alguma. Muitos avisavam; falavam de um gosto mais amargo na bebida que vinha dos lagares, de uma ou outra nota desafinada no coro dos campanários, discreta desarmonia no balançar das redouças, uma quase imperceptível deselegância na dança dos hipocampos. Eram budistas, esperantistas, espíritas, ou qualquer destes malucos místicos que ainda gostavam de falar em Era de Aquarius, não sei. O fato é que ninguém ouviu. Quem daria ouvidos aos gritos que escapam à noite dos hospícios, coados pelas grades de suas janelas?



Os que visitaram o cemitério dos filósofos também voltaram perplexos e contaram da última lápide que se erguia à beira de um túmulo enorme, negro, abissal; e a lousa perguntava pelo próximo e dizia não quero o mundo das idéias de Platão, não quero a cruz do Cristo, não quero a dúvida hiperbólica de Descartes, não quero o homem-que-não-deseja de Marx, não quero o homem-que-não-trabalha de Freud, não quero a megalomania

sifilítica de Nietzsche, não quero o desespero de Kierkegaard, não quero a consciência infeliz de Hegel, não quero a contingência niilista de Sartre, quero é o próximo para encher o túmulo e que seja bem grande, decifra-te ou devora-me. E isto gritaram os que visitaram o cemitério dos filósofos, mas ninguém deu importância pois todos estavam muito ocupados em abastecer os automóveis.

E então aconteceu, afinal aconteceu o que por tantos séculos se temia. No início de uma bela noite de plenilúnio a lua foi-se tornando enorme, enorme e cada vez mais brilhante, apagando as estrelas com sua luz cada vez mais intensa, e surgiu um céu plúmbeo e frio como o que costuma anteceder a aurora, e a noite transformou-se em uma espécie de dia morno e gris. Talvez os que sempre manipularam os destinos do planeta tenham afinal resolvido permitir que a notícia se espalhasse, por ser a última. Ou talvez ela nem fosse verdadeira. Certo é que logo todos já sabiam: um desarranjo no sol, numa daquelas explosões que alimentam seu fogo. Ou um conflito nuclear no outro hemisfério, que já não mais existia, era um monte de cinzas. E mais algumas horas de vida para todos, a lua refletindo a enorme fogueira que avançaria inevitavelmente com a rotação do orbe. O calor, o fogo, a morte. Então eu comecei a retirada. Em meio aos aflitos quase perdi meu rumo, desarvorado. Sufocado por gritos, esgares e enganos, não conseguia mais sentir o suave cheiro da rosa-dos-ventos. Vaguei errante como um planeta parece fazer entre as constelações. Até que indaguei as estrelas ainda visíveis naquele céu crepuscular. E era inverno na parte meridional. Sua resposta veio precisa e clara: lá estava Sagittarius, orgulhosa alfaia do centro da galáxia, e como sempre o arqueiro visava o coração rubro de Scorpius, a pulsátil Antares. Virgo continuava ostentando Spica, a espiga, e com ela fazia ademanos à primavera próxima, embora improvável. O tutor de Aquiles, Centaurus, mantinha sua pugna infinda com Lupus, o lobo. Não me enganou o falso asterismo em Vela e Carina. Ao pé de Crux encontrei o meu caminho.

Atravessei a cidade sem que me incomodassem, e demandei as elevações próximas, sem saber bem por quê. Durante a retirada vi que uns arrancaram rins, olhos e outros órgãos e foram ao

mercado vendê-los, mas não encontraram fregueses: só havia frutas podres. Outros se desnudavam na praça e gritavam palavrões. Inútil. Nada adiaría a vinda do dia ineludível. A caminhada foi árdua e por uma vez tive que me deter para conseguir algum calor numa destas fogueirinhas de papelão que fazem os miseráveis. Também tive medo, mas ele apenas acelerou meu coração e meus passos. Vi a violência sob muitas formas: nas ruas e casas pessoas assassinavam seus desafetos e até seres que diziam amar. Outros se entorpeciam com o álcool, a cannabis, o pó brilhante, o bolor do centeio. A igreja foi invadida por desatinados que trucidaram os que queriam orar em paz. Alguns desejavam passar as últimas horas comendo em restaurantes finos, embora abandonados. Outros entravam em automóveis luxuosos e se divertiam atropelando cães e, às vezes, crianças. Os policiais atearam fogo à cadeia deixando que os prisioneiros ardessem, depois foram cuidar de suas famílias, não sei, não vi muitos deles nas ruas. Tropecei em cadáveres, sêmem e sangue, urina e fezes, destroços e ruínas, sujei-me até à náusea. Mas segui o caminho, e muitos eram os retirantes. Não sei quantos resistiram ao caos: quando olhei para a cidade pela derradeira vez tive medo de me tornar numa estátua de sal. Só vi ruínas, morte e destruição. Pensei nos meus amigos e familiares, embora soubesse que meu caminho era único e apropriado apenas aos meus passos. Onde andaria Fabiene? Deitou-se com certeza em seu quarto azul onde ligou a aparelhagem de som no máximo volume. Música de câmara. Acendeu um incenso e velas. Talvez a sexta sinfonia de Beethoven. Imaginou-se uma serra azul-verde batida por chuva de granizo em setembro. Terá chegado ao Canto dos Pastores, pelo menos até à Festa na Aldeia? Ou durante a Tempestade alguém arrombou a porta para tentar violentá-la? Não posso saber. Aquelas foram horas difíceis para as mulheres belas. E Silvana, que sofrimentos lhe terá causado sua boca de morangos, leite e mel, figo maduro? Onde, mesmo no selvagem Reino das Palavras, encontrar uma forma de dizer a boca de Silvana? Beraldo terá sido metralhado na porta de algum quartel depois de ter vagado com sua cartucheira doze atirando em tudo que usasse farda. Terá serrado o

cano da arma e usado chumbo um, deve ter cometido alguns enganos com este critério tão vago, e morreu certamente falando em justiça ou expressão equivalente, se é que existe.

Há três dias e três noites estou aqui, comendo gafanhotos e ervas. Lá embaixo já se acabou o incêndio e a fumaça. Nestes dias a lua decresceu aos poucos como sempre fez, o sol nasceu no leste e se pôs no oeste como há séculos, sem que ninguém pensasse em rezar para que isto acontecesse. Lá está ele agora, subindo pelo meio no horizonte, secando o orvalho e escandindo este canto de pássaros. E lá está de novo aquele grito, aquele chamado que ouvi ontem entre os latidos e ganidos dos cães. É a manhã límpida e pura do quarto dia. É hora de descer e começar a reconstrução.

CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

OS FILHOS

ABADON

José Wilson Barbosa de Sales

Curso de Comunicação Social - FAFICH

O homem ia pela estrada. Tinha de chegar no campo de aviação que ficava do outro lado do rio. Andava depressa apertando o filho de dez meses no peito suado e seguido pela filha de onze anos que a custo conseguia acompanhá-lo. De vez em quando ela dava uma corridinha e se punha de novo ao lado do pai. O homem não dizia nada e parecia que os seus lábios tinham se colado um no outro. Ele tinha os lábios grossos e rachados. A menina queria conversar, mas assim que se punha ao lado do pai e erguia a cabeça para dizer a primeira palavra via-se de novo para trás e tinha de correr para alcançá-lo. Até que desistiu e seguiu atrás dele, olhando o rosto do irmão recostado no seu ombro, a chupeta na boca, a baba escorrendo pelo queixo, a carinha suja e mirrada.

Chegaram na beira do rio e o canoeiro cumprimentou o homem com respeito. Entraram na canoa e o do colo acordou chorando. O homem não sabia o que fazer com o pequeno. Olhava a filha que havia sentado do outro lado com a trouxa de roupa no colo. A canoa bambeava de um lado para outro e ele se sentia sem jeito para se mexer. O pequeno continuava a esgoelar até que a filha pediu:

— Me dá ele, pai.

O homem hesitou um pouco, olhou o rosto do pequeno e sem dizer palavra entregou-o à filha. Ela fuçou na trouxa, tirou uma garrafinha com um líquido amarelo e pôs na boca do

irmão, que começou a chupar com vontade. O homem sorriu e assim ficou um longo tempo, até que olhando o rosto da filha deu com duas lágrimas escorrendo. Tossiu, abaixou os olhos, olhou aquela imensidão de água e arriscou sem muita convicção:

— É melhor assim, filha...

A menina alisava os cabelos do irmão e as suas lágrimas iam pingando na própria mão. O homem continuou a olhar as águas do rio e repetiu:

— É melhor assim...

A voz lhe escorregava pelos lábios.

A menina olhou o pai, que tinha os olhos parados nas águas. Achou que ele ia chorar, teve vergonha e ficou olhando o rio também.

O irmão tinha acabado de mamar e dormia de novo no embalo da canoa. A água do rio era escura e ela lembrou da imagem de Nossa Senhora Aparecida que tinha no quarto da mãe. O canoeiro disse qualquer coisa e não houve resposta. Evitou lembrar da mãe, mas do fundo das águas a imagem da santa surgia no quarto da mãe. Não conseguiu evitar, e a visão da morta no caixão lhe veio mais viva do que nunca. Desviou os olhos do rio e deu com os do pai. Abaixaram os olhos ao mesmo tempo e ela lembrou do pai sentado na tora de braúna do terreiro picando fumo para o cigarro e chorando. Não sabia o porquê, mas sempre tinha vergonha de vê-lo chorar.

O canoeiro anunciou que estavam chegando. O homem levantou-se achando que estava na hora de saltar e a canoa bambeou, quase virando. O canoeiro riu com o susto:

— Opa! Quase afoga gente!

O homem também riu amarelo e desconcertado. O susto pareceu acordá-lo.

Chegaram do outro lado. O pai pagou o canoeiro e pediu para levar o filho. Ela disse:

— Pode deixar que eu levo, senão ele vai acordar.

Agora era ele que tinha de andar devagar para acompanhar a filha. Ia atrás olhando o filho dormindo no ombro da menina. Ele dormia de olho aberto e o pai achou que o filho se parecia com ele. O andar da filha era o da mãe.

Entraram na cidade. O campo de aviação ficava a meia légua do fim da rua direita. Achou que a menina estava andando muito devagar, tomou o menino, que acordou e começou a chorar. A menina fazia macaquices para entretê-lo. O menino achava graça das brincadeiras da irmã e ria saltitando e chutando o peito do pai.

Acertou o passo e cruzou a cidade com o menino sempre rindo das brincadeiras da irmã. Na estrada o pequeno cansou-se e debruçou de novo a cabeça no seu ombro.

Chegaram ao lugar marcado. Olhou em volta e não viu quem procurava. Perguntou se dona Cleunice já tinha chegado. Disseram-lhe que ainda não, mas ele a viu sair de um carro junto com uma outra de óculos escuros. Cumprimentou a mulher. Era gorda e usava um vestido muito estampado.

— Aqui estão as crianças.

A mulher apertou a bochecha do menino, que choramingou estranhando. A outra disse que gracinha e ficou alisando os cachos dos cabelos dele.

— Como se chama? — perguntou a gorda.

— Gabriel, dona Cleunice.

— E ela?

— Judite — gaguejou.

— Nomes bonitos — a de óculos escuros disse.

— Fico com ela. Está mais grandinha — disse a gorda, enquanto a outra brincava com o menino, que resmungava.

Ficou um tempão abobado olhando a cara vermelha da mulher. Depois, meio sem jeito perguntou:

— E ele?

— É muito pequeno. Dá trabalho demais.

— Mas eu não tenho condições. A mãe deles morreu.

A gorda sacudiu os ombros:

— O que que eu posso fazer?

Ele ia insistir de novo quando a de óculos escuros atalhou:

— Deixa. A gente dá um jeito.

Ele sorriu agradecido:

— Obrigado, dona.

— Quando vai lá para acertar os papéis? — perguntou a gorda.

— No fim do mês. Se Deus quiser.

O helicóptero já havia pousado no campo e só estava esperando por elas. A gorda estendeu a mão:

— Então, seu Geraldo, até o fim do mês.

— Até, dona Cleunice. Deus lhe pague.

Entregou o pequeno para a de óculos. O menino berrava esperneando. Olhou a filha estática como que fincada no chão, a mão da gorda apoiada no seu ombro e ela encolhida parecendo querer sumir dentro do próprio corpo. A voz tornou escorrer pela boca:

— Adeus, filha...

Não soube se houve resposta. Virou as costas e caminhou duro, sem saber para onde, mas sabendo ser necessário não olhar para trás.

MAJOR PROCOPÃO

G W Y N P L A I N E

Antenor Pimenta Madeira

Curso de Engenharia
Mecânica — ICEX

«Fui a sua casa,
você me voltou da cancela,
nunca vi tuberculoso
ter medo de varicela!»

(Zé Pereira, da Poaia)

A hora nona escoava. Rebuliço que as maitacas faziam, subindo no vôo, saltando nas asas a copa da mata, barulhando os ares. Remoinho de vento levantava as palhas de feijão pelo terreiro, assoviando, arribando a saia de Sá Tonha, que catava os grãos sujos de terra, misturados aos torrões. No quintal, a enxada de Merêncio cortava rente as ervas. O homem chupado, caxingo, magérrimo, enchamboado e desensarado, manejava com maestria o vaivém da enxada, capinando o eito. Calado, vez ou outra, fazia um muxoxo por causa das mutucas e moriçocas enxeridas. Uma coruja murucututu, no pé de mulungu, sussurrou um pio, quase nanando. De mão num caco de telha, Merêncio atçou nela, que se escondeu entre as folhas de pinha-do-mato, mais para adiante. O homenzinho correu atrás. Por acaso, numa moitinha de capim meloso, achou um casal de coelhinhos, filhotes, aninhados e encolhidinhos. Com muito jeito, pegou os bichinhos e embrulhou-os na rodilha que usava. Esqueceu-se da murucututu, largou a enxada e foi arranjar onde guardar os filhotes. Sá Tonha apanhou couve e um balaio velho que servia como ninho de galinhas; debaixo dele puseram os bichinhos.

Dava o ângelus, quando o Major Procopão passou frente ao rancho, montando o tordilho. Merêncio pitava um cigarro, cismando a noitinha que entrava, escorado num pilão carcomido.

— Boas tardes, compadre Merêncio — Saudou o Major.

— Boas... — Respondeu o homenzinho — Vamos apaar...

Major Procopão desceu arrastando suas chilenas e amarrou o tordilho no mourão. Encheu a boca de saliva e deu uma cusparada pelo chão.

— Vim cobrar o dízimo da lavoura, compadre. Você sabe, tá passando da hora...

— A parte do meu compadre está separada, sim senhor. Enchi as tulhas este ano.

— Pois é, amanhã o mestre-carreiro vem buscar — Deu uma nova cusparada — Compadre Merêncio, estou pensando, sábado que entra, nós podíamos fazer uma caçada, porque as palhadas estão cheias de verdadeiras. Dá pra encher o embornal.

— Sim senhor, compadre Major querendo, nós vamos — o caxingo concordou — É época das verdadeiras e nambus andarem em bandos.

Na cama, Merêncio conversava com a mulher:

— Compadre Major quer que se caçe, sábado que entra.

— Aquele um só sabe é caçoar da gente, Merêncio. Você veja, o danado não perdoa nadinha, é todo desempambado.

— Gente rica... — murmurou o homenzinho.

— Você sai pra caçar com ele, mas volta de mãos abanando. O desgraçado daquele sovina leva o embornal entornando. Aposto que até ri... Sei não...

— Estou imaginando uma cousa, mulher, cousinha... O compadre Major vai ver — Riu seu risinho desdentado, goro.

— Me conta, malino!

— Aproveito os filhotinhos que achei. Assunta, compadre nem nunca almoçou conosco, o enxerido tem uns modos nojentos, medo de pegar pobreza. Imaginei o seguinte: comigo levo um dos bichinhos, o outro fica debaixo do balaio. Conto umas potocas pro compadre... Você prepara um guisado de frango com quiabo e espera a gente... Jacaré não voa é de sabido. Ele vai ver, mulher.

No tordilho, Major Procopão, munido de espingarda, todo lorde, chegou chamando Merêncio para a caçada. Bom era sair assim, no madrugada, e pegar os pássaros de supetão, na tocaia, quando o dia cismasse de clarear. Partiram. Merêncio ia comendo batata assada, levando amoitado um dos coelhinhos no embornal de pano.

O sol empinou, encharcando de calor os caçadores. O alforje do Major estava lotado e ele achou que chegara a hora de voltar. Passava do meio-dia. Então, muito treteiramente, Merêncio começou a colocar em prática seu plano. Batendo a binga para acender um pito, principiou:

— O senhor vai dar um prazer pra mim e Sá Tonha, hoje, compadre Major.

— Que é que foi?

— Como o senhor nunca comeu lá no meu rancho, então eu queria que o compadre se empanturrasse conosco — Com a cara mais patureba do mundo, Merêncio falou. O Major meio sem jeito, tirou o chapéu, abanando-se, cuspiu entredentes e respondeu:

— Mas a comadre nem está esperando, tatatá, a pobrezinha sem saber...

— Precisa se inquietar não; mando o ferrabroso avisar.

— Ferrabroso?!

Mesmando o risinho capiau, continuou o enchamboado Merêncio:

— O senhor não sabe, mas o ferrabroso é o coelho amestrado que serve de positivo lá em casa; é eu falar e ele dar o recado.

— E cadê ele? — Perguntou, indignado, o compadre. Merêncio tirou o coelhinho do embornal e mostrou. Danisco de esperto, ele mexia-se assustado. Descrendo do que ouvira, Major Procopão abusou do homenzinho. Então, de modo mais acabrunhado ainda, ele dirigiu-se ao coelho e falou:

— Ferrabroso, pede pra Sá Tonha fazer um guisado de frango com quiabo, muito no ligeiro, porque o compadre Major está indo almoçar. S'mbora!

Deu uma palmadinha no traseiro do coelho e soltou-o. Apressado, ele desguaritou-se por entre as buraras e brugalhaus.

Não foi pequeno o susto do Major quando, antes mesmo que ele apeasse, Sá Tonha disse que havia feito o guisado. Duvidando ainda um pouco, quis ver o coelho. A mulher trouxe o outro. Então era verdade, o bicho sabia ser amestrado! Dentro de si, resolveu: ia comprar o coelho, custasse o quanto fosse.

— Compadre Merêncio, me vende o coelho!

— Nem não posso...

— Pode porque pode, eu dou bom pago nele.

Merêncio enjeitava, o ferrabroso era de seu muito amor, de seu apego, não estava para barganha.

— Troco o meu tordilho nele, hem?

— Só se for de jeito nenhum — Disse o homenzinho, fingindo um soluço preso — gosto demais do danadinho, não posso. E o senhor também compadre, todo mundo sabe que o tordilho é o seu xodó.

— Sou ou não sou seu compadre? Disse e redigo, dou meu tordilho, sou de palavra... Afinal de contas, sempre ajudei vocês...

— Ajudou, sim senhor — Concordou Merêncio.

— Então?

— O senhor é bom demais, não posso negar, é até pecado... Pois faço a barganha, mas não sei se agüento ficar sem o ferrabroso... Ah!

— Não chore, homem, você vai ficar com o meu cavalo.

— Merêncio, não queria que o ferrabroso fosse vendido — Sá Tonha choramingou.

— Mas o compadre é muito bom pra nós...

Já na primeira tentativa de enviar um recado, Major Procopão perdeu o inocente coelhinho. Quando reconheceu que fora logrado, dirigiu-se, envergonhado e enfunado, ao rancho de Merêncio. Ia fazer e acontecer, dar uns sopapos e encarangar o velhaco. Mas o caxingo, como todo finório que se preza, preparou uma artimanha para embrulhar outra vez o desabotinado Major.

— Compadre Merêncio, seu sem-vergonha, faz favor! — Berrou o Major, esmurrando a porta da cafua. O homenzinho ladino abriu a porta e saudou.

— Bons dias, compadre Major.

— Bons dias, coisa alguma; seu ladro! Então você quis ludibriar o homem que te ajudou a vida inteira?

Pondo-se convenientemente de joelhos, Merêncio implorou:

— Santo Cônego Lafaiete, o senhor endoidou? Juro, não fiz nada; juro por meu São Juliano que não fiz nada.

— Aquele tal de ferrabroso fugiu.

— O quê? O senhor perdeu o coitado?

Da cozinha, Sá Tonha punha tento na conversa e viu que era a sua vez de entrar em ação. Fazendo-se espantada, ela rompeu pelo terreiro, gritando:

— Vixe Maria, o tordilho está cagando dinheiro! E é uma chusma de réis!

Realmente, o cavalo obrava dinheiro, moedas de duzentos réis. Impressionado com o fato, Major Procopão, esquecendo-se do motivo de sua ida ali, pegava as moedas no meio do estrume. Eram boas!

— Compadre Merêncio, quero comprar o cavalo!

Por essa e aquela razão, como da outra vez, o homenzinho fingiu não querer. No fim, deixando claro que só fazia o negócio pelo seu agradecimento ao Major, vendeu a bons contos de réis o tordilho.

Cabe aqui uma explicação. Devo esclarecer por qual motivo, de uma hora para outra, o cavalo que pertencera ao Major passou a obrar moedas. Misturadas ao milho do animal Sá Tonha colocara boleiras. Consta que a boleira é um purgativo esplêndido. A introdução das moedas não foi difícil, devido ao tordilho ser muitíssimo manso e dócil.

Tão logo viu o Major pelas costas, o casal, com os bolsos cheios, levando seus trastes, caiu no mundo. E tiveram muita dificuldade em concluir quem era mais cavalo, o tordilho ou o Major Procopão.

O TESOURO DE JOAQUIM MALAQUIAS

SPUTINIK

Joviano Gonçalves dos Santos

Faculdade de Letras

Talvez alguém dissesse que a ambição, avareza ou sovinice sejam defeitos graves e que a pobreza é a maior das virtudes. Outros, porém, achariam que esses chamados defeitos são grandes virtudes, necessárias para se progredir. A opinião, portanto, depende da posição em que está o entrevistado. Se ele estiver assentado, lendo jornais, após o bom almoço, certamente dirá: «O dinheiro é um grande mal, causador de injustiças!». Agora, se o mesmo indivíduo estiver de mãos vazias nos bolsos vazios, sem janta, preocupado com o melhor modo de juntar ou preservar umas economias, ele dirá logo: «O dinheiro é símbolo da prosperidade».

Começou, não se sabe ao certo quando, seu querer-bem pelas meigas moedinhas, talvez na infância. Um político que andara em sua cidade, garimpando eleitores, distribuiu, na praça, algumas cédulas. E Malaquias foi um dos privilegiados. A partir daí, ele tornou-se um menino de negócios, sério, compenetrado. Almoçava, jantava, lanchava, dormia e estudava, trabalhando idéias a respeito de como melhor brincar com o dinheiro. Jamais, em sua infância, engolira moedas, mas guardava-as sigilosamente.

Coletava seus monetários presentinhos com o maior zelo. Partiam de seus avós, tios, pais, ou de seus padrinhos, que sempre contribuíam para a felicidade do afilhado. Ao se despedirem, faziam avolumar mais outra parcela de carícias, ao lado do tilintar de beijos e moedas...

Possuiu uma infância monetariamente feliz. Investiu contra o tempo, com uma firma doméstica bem expandida. De patacas em patacas, foi entrando na vida adulta com um saldo particular engenhosamente acumulado, sem nunca pagar imposto de renda!

Sempre recebia uma grande verba de elogios: rapaz amoedado, honesto, acolhedor e de futuro. Tudo isso lhe inflava a vocação para poupar e, cada vez mais, arrecadar novos presentes ou favorecimentos convertidos — à curta ou à longa praxe — em numerários inumeráveis.



É incalculável o destino que levou aquele baú de moedas, tão bem reservado, uma vez que Malaquias nada gastava. Cada vez que ia esbanjar alguns centavos deparava com algum amigo interesseiro, pronto para pagar quanto fosse, para ser íntimo e parte da roda de moedas, aliás, de amigos daquele cidadão bem sucedido.

Se fizesse um balanço de todas as suas amizades, talvez Malaquias verificasse que toda essa associação de avarentos amigos traziam uma só idéia na carteira: ser amigo de Malaquias é bom investimento. Esticavam as mãos para seu lado, mais como mendigos do que amigos. Ele, como já segredara para sua madrinha credora, desembolsava: «Gosto dos amigos, enquanto não me causam nenhum ônus». Tolerava-os sem nenhum dano para a paciência, pois já se acostumara — embora no baú de sua alma não gostasse — a ser fiscalizado por conhecidos na rua, em casa, no claro e no escuro. Nenhum daqueles bocós sabia, porém, em que ou onde Malaquias enfiava suas relíquias, porque todos eram para ele paupérrimas relações, sem qualquer lucro financeiro ou moral, que valiam poucos créditos.

Sua madrinha foi quem descobrira seus hábitos secretos ou negócios subterrâneos. Andou fiscalizando-o, por horas e horas de avarenta curiosidade, noite adentro, madrugadas afora. Vigiou-o, como a uma galinha manhosa que tem ninho escondido. Viu-o depositar sigilosamente suas economias num buraco, encravado no barranco do quintal. Depois, com labor e carinho ele preparou um barro qualquer, às pressas, e lacrou seu ninho monetário. Aliás, quem lhe ensinou tal «malaquiísmo» foi aquela madrinha matreira, ao depositar bem no seu ouvido: «De grão em grão, Malaquias enche o papo!».

Tinha técnicas especiais para conservar moedas e notas sob a terra, contra a corrosão ou mofo, que desejam apossar-se dos bens. Usava sempre latinhas ou vidros tampados, com talco antisséptico contra os assaltos da umidade. Possuía diversas agências — esconderijos no próprio quintal, no forro da casa, nas luminárias, no colchão, nas malinhas trancadas ou mesmo sob o piso do quarto.

Acumulou toda essa malandragem econômica para evitar os olhos invejosos dos visitantes e até mesmo dos pais, que poderiam não saber administrar seu capital segredo, distribuindo informações que deviam ficar soterradas. E, por outro lado, protegia-se contra ladrões com a maior facilidade. Esses, que só sabem roubar e furtar em lugares comuns, atacariam logo os pontos calculados por ele premeditadamente. Levariam — como já acontecera uma vez — uma esmola qualquer, propositalmente guardada no camiseiro, nas malas, numa bolsa ou no guarda-roupa. Tudo era engodo: mixarias em pontos diversos.

Além dessa imensa sabedoria, herdara a própria aparência do avô: baixote e meio gordo, olhinhos fundos e nariz curto. Lembrava uma moedinha de bronze, com seu porte baixo, arredondado. Veio também desse único avô que conheceu o incentivo para seu talento metálico: uma moeda de ouro. Essa foi, sem um centavo de dúvida, a pedra filosofal da carreira áurea de Malaquias.

Ao saber disso, para fazer concorrência afetiva, sua madrinha logo, logo lhe deu uma prestação de carinho: uma pequena moeda de prata, de baixo peso, mas valorosa, tanto que fez sacolejar nele argêntea explosão de contentamento.

Faliu finalmente toda intimidade que havia dos amigos para com Malaquias. Desvalorizaram-se as conversas de quarto, de sala e de momentos tumultuados. Passou a controlar suas amizades com muita liderança, inclusive impunha horário, às vezes. Carecia de sossego para desenterrar suas idéias e bem direcionar suas pepitas.

Orgulhava-se de ter aprendido a administrar toda aquela safra de pessoas, cheias de bolsos ambiciosos, que se dirigiam à sua agência doméstica, ou contra esta. Sim, tornara-se um perito, tanto que eliminou aquela migalha de intimidade, ao lhe chamarem de Quim.

Vendiam — pelo mesmo preço por que compravam — a informação de que Malaquias era tão sovina que tinha soterrado até mesmo seu sobrenome. «Numismático», diziam alguns, era um nome muito feio, palavrão zinabroso! Coitadinho, pobre Malaquias, se envergonhara tanto!

Pesquisando seus esconderijos mentais, alguém poderia notar que Numismático era seu poupável sobrenome, que deveria se afastar das ferrugens que as miseráveis línguas alheias poriam nele. Sabia secretamente que esse era seu nome símbolo de plena felicidade, sorte e predestinação — para o eterno poupar! Além das moedas, era nisso em que ele mais acreditava. Dizia, em momentos de muita riqueza de espírito: «A felicidade é algo que se adquire de patacas em patacas».

Seja como for a estória do desaparecimento desse nome, o que se sabe é que ele não está nos documentos de Malaquias. Talvez tenha sido penhorado em alguma loja da cidade, com algum comerciante agiota...

Mas o que ninguém sabia explicar era por que Malaquias tinha amado tão poucas mulheres em toda sua vida, talvez duas ou apenas uma. (Parece que nenhuma era portadora da chave do seu cofre coração, ou talvez ele não permitisse ócio nem lazer a esse pródigo coração...).

Conta-se que ele esteve amando uma tal de Maria Elisa, morena, de apelido Monalisa, que tinha olhinhos amarronzados: duas moedinhas de bronze coladas na face! Mas o boato durou pouco, apenas até que sua madrinha sabedora distribuisse a declaração aos gananciosos de novidade. Embora fosse ela mesma que tivesse dado uns incentivos para o romance, foi quem teve a maior e primeira decepção da vida. Disse a ele que a moça era boa, trabalhadeira e de boa família. Mas quando quis saber se ele iria investir na moça, Malaquias — com a maior frieza da praça — assim emitiu seu «não»: «Ah... Ela tem um sorriso muito sovina! Também... o que vou fazer com bronze...?».

Era de se duvidar que Malaquias tivesse derramado alguns centavos de amor por uma mulher porque, em sã consciência, jamais demonstrou a menor intenção de assinar duplicatas de casamento. Talvez ele tenha amado alguma imagem de mulher, existente nas suas moedas prediletas, ou tenha tido algum caso que se tornou, para sempre, paixão soterrada...

Era fácil identificá-lo na rua da cidade. Andava sempre de cabeça baixa, não que estivesse meditando, mas procurando algum dinheiro desperdiçado ao pé do meio-fio. Costumava olhar muito para os lados, temendo, não os carros, mas os ladrões.

De tempo em tempo, tinha vontade de desfazer sua aparência simples. Pensava em transferir seu dinheiro para um banco e participar dos juros e das regalias comuns que poderia ter. Evitava sempre: não queria se associar àqueles gatunos... Tinha, contudo, um pouquinho de poder nas mãos: um pequeno molho de chaves e, para se distrair às vezes, um maço de notas a ser apalpada com bastante prazer!

Com o passar dos anos, aprendera a fingir que era generoso: ia à igreja e, num gesto de mistério, colocava na sacola do sacristão algumas moedas desatualizadas! Dava também muita liberdade aos pés: andava descalço. Dizia ser bom para a saúde. Os sapatos e meias são muito incômodos, além do mais as pedras e o chão entortam os calçados!

Embora se sentisse realizado em sua arte de armazenar moedas, sentia-se insatisfeito com a contenção de despesas, em relação ao seu estômago, esse parasita infernal, que só serve para dar prejuízos...! Não rende nada! Oh, empresa difícil de ser controlada! Todo método aplicado nela é falho!

Certa vez, soube que havia chegado à cidade um novíssimo lançamento de comprimidos-refeição, de origem estrangeira. Então Malaquias foi à praça do Mercado, nariz erguido em altivez — feito um empresário farejando o lucro — para adquirir essas preciosas moedinhas, que matariam ou cassariam o esbanjador apetite. Era engraçado vê-lo curvar-se na rua sorrateiramente e apanhar um objeto pequenino, sem nenhuma soberba!

Querendo experimentar essa poderosa merenda de astronauta, entrou na loja dos japoneses. Pedeu a quantia referente a duas refeições por dia, em toda a semana. Verificou, contudo, que os gastos seriam dez vezes maiores do que a sua despesa em comida comum! Um absurdo! Deu tapas no balcão e despejou seu ódio e os comprimidos no piso, coberto de xingamento. E

saiu tilintando desaforos. Caça-níqueis vigaristas! Gatos nipônicos! Oh, que desejo de possuir uma bomba atômica para explodir esse cubículo de sovinas!

Havia, entretanto, momentos muito rendosos para a vida sua. De vez em quando, ia à sua casa um daqueles ex-amigos da infância que desejava obter um pequeno empréstimo, para resolver uns embarços! Pagaria o juro se fosse preciso! É claro, pois já estava calculado de antemão, à base de dez por cento ao dia. E, assim, muitos outros — apesar de terem até trabalhado mais do que Malaquias, mas não tiveram a mesma sorte, iam lá, mendigar uma ajuda. Chegavam humildes, com aquela cara de pobre. Quase sempre conseguiam, mas tinham que aceitar a taxa de juros e a inadiável data de pagamento.

Dos devedores de Malaquias, que atrasaram o dia de quitar a dívida, uma das exceções foi aquele pobretão, pai de família. Sua soma de filhos era a mesma de todos os dias semanais. Bateu o recorde, ao ficar sete dias sem pagar. Antes do pôr-do-sol, no sétimo dia, ele teve a gratuita visita do Sr. Malaquias e sua fúria. Além de estar sendo persuadido, ainda ter que ir buscar o dinheiro na casa do devedor!

Merecia bem uma descarga deste revólver nos bolsos traseiros, para nunca faltar com o dever! Bastaram apenas alguns tiros de desaforos e desacatos para que a ninharia fosse sacada, depois desta citação atrevida: «Não tenho tempo a perder. Vim aqui para receber! E quer saber de uma coisa? Pagar é sua obrigação, já, seu sonegador! É lei e está escrito: Dai a Malaquias o que é de Malaquias!».

Colocou o dinheiro no papo e saiu com o revólver na mão. Olhou para trás. Aquele pobretão o espiava fixamente, recostado à porta, com os olhos choramingando miséria. Virou-se rapidamente, girou a arma no espaço e, com toda força, lançou-a sobre a calçada, e os pedaços de plástico voaram para todos os lados! Tomou a rua e foi, de mãos nos bolsos, assobiando cinicamente...

Alguns anos se passaram. Uma carta do advogado de seus padrinhos veio tornar áureos os sonhos e ações de Malaquias. Uma herança volumosa estava à sua espera! No dia seguinte, foi

ao escritório, ambicionando o sol cor de ouro da tarde. Queria apalpar realmente toda essa prova de amor — convertida em cifrões — que seus padrinhos lhe deram.

Chegando lá, analisou vários pontos do testamento e logo entraram em acordo sobre todos, à exceção de um: os honorários do advogado. O imposto mais pesado que a sorte queria lhe cobrar, através daquele bacharel, entrincheirado atrás de livros injustos, pilha de astúcias dos avarentos!

Malaquias não se conteve: desenterrou todo o seu ódio diante desse espoliador pirata. Desembolsou palavrões — pequenos e grandes — desdobrando-se em somas elevadas de desacatos ao velhote. Um pouquinho mais velozes do que seus xingos duas balas (de chumbo, esse vil metal!) atravessaram o bolso esquerdo da camisa de Malaquias, que caiu, boquiaberto. Seu último e amarelado sorriso de prata, agora de cobre que — com parcimônia de verbo — queria dizer: nem ao Estado, nem aos charlatães, nem aos interesseiros minhas economias! Entretanto, pelo reverso, a humilde vida confiscou seu corpo.

RL

revista literária

CONCURSO
DE
POEMAS

1º Lugar

ÁGUA

CHICA DA SILVA

Sérgio Coelho de Medeiros

Faculdade de Letras

assim escrever sobre águas
romper arestas e abas
de longos rios

fluir no veio das trilhas
cair na chuva do vento
de um tempo vindo

esmeril de pedras virgens
desabando feito areia
e água abaixo

rolar no leito de ondas
lavadas
chegar ao mar

da água-sal água-sul
fértil de algas e água-
verso

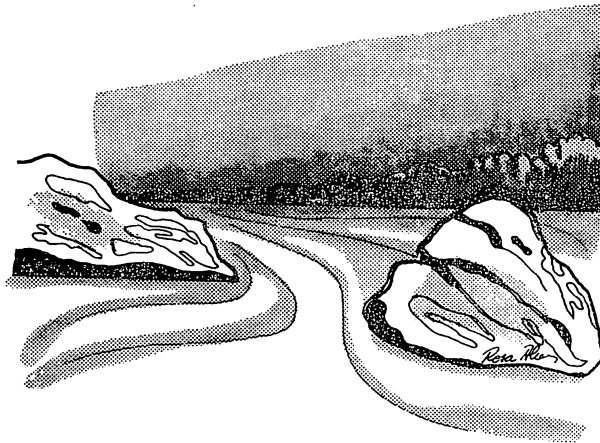
o raio aceso no céu
brotar no espaço e
fazer-se

sobre a palavra do rio
que o barco
sangrou na luta

faca afiada na tinta
e onda brava explodir
nascentes revoluções.

«Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma.»

(Rios sem Discurso — João Cabral)



POIESIS

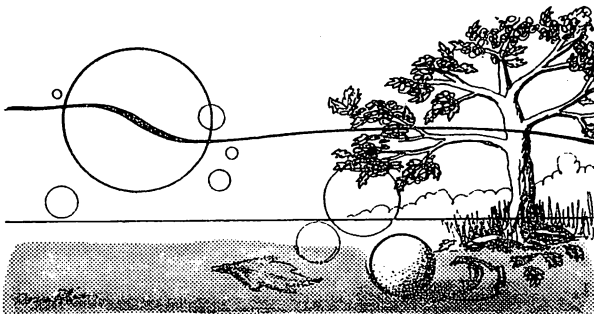
JOÃO PIERCE

Roberto Barros de Carvalho

Faculdade de Letras

captar o verso no ar
gaseificado, rarefeita bolha
como o vento que bate no ramo
às vezes o desfolha

raptar o verso do lixo
encarar o podre de frente
como o pobre que vira a lata
muitas vezes o desfruta



DAS COISAS

IKNATON

José Luiz Deroma e Silva

Curso de Filosofia — FAFICH

I

Das coisas vivas
eu prefiro
as que nascem em silêncio
e em silêncio
morrem
como as flores.

II

das coisas que se movem
eu prefiro as borboletas
que têm seus dias contados
e nem por isso se desesperam
e vivem tudo em paz
até o fim.

III

Das coisas imóveis
eu prefiro os instrumentos
musicais
pois dão-se inteiros

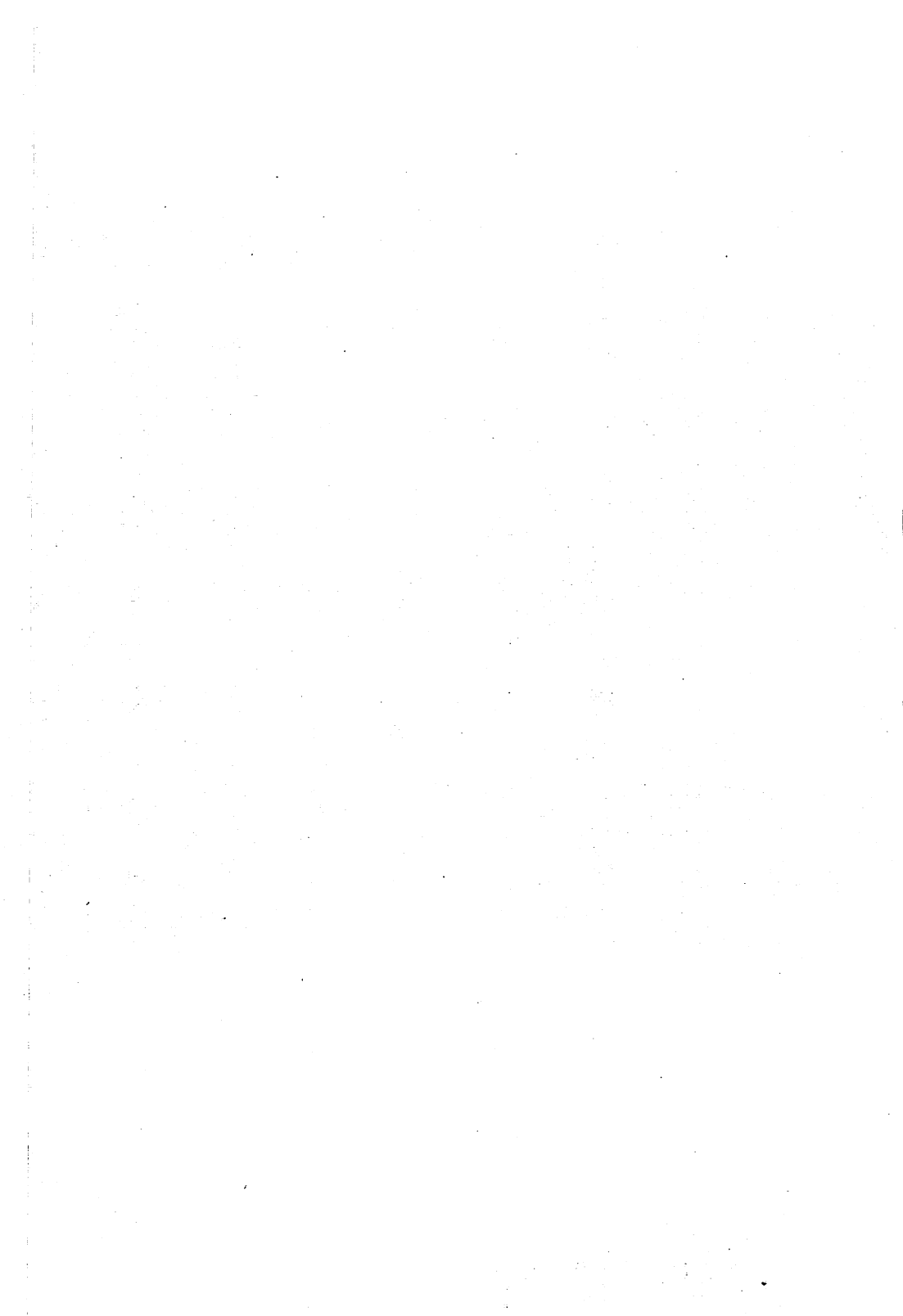
ao invisível
e se moldam e se fazem
um
com harmonia.

IV

Das coisas incorpóreas
eu prefiro o arco-íris
que de tão pouco
faz seu corpo
e enche-nos de cores
e vem e vai sem
nos dizer quando
sem começo
nem fim.
Apenas cores, apenas...

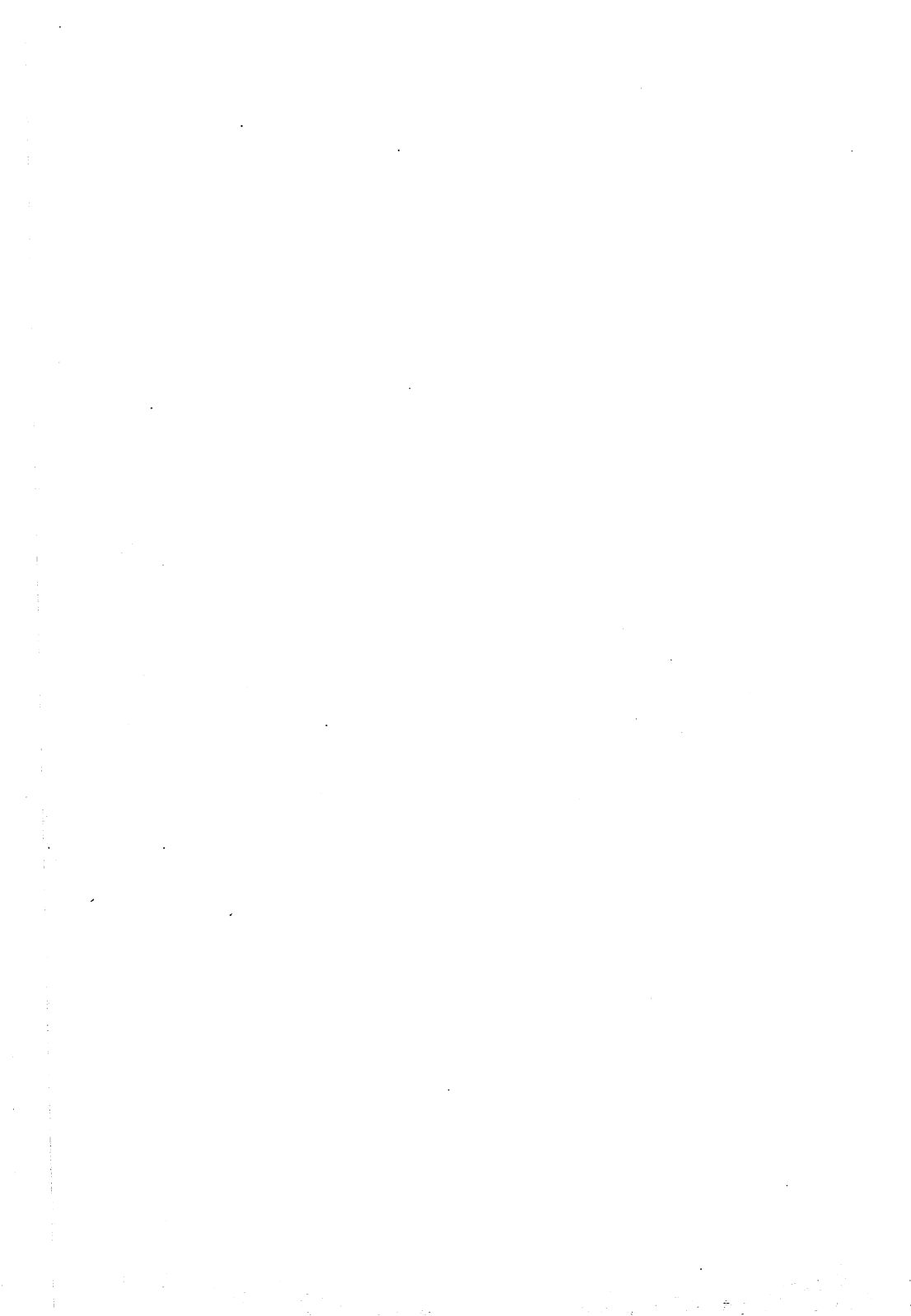
V

E de tudo e todos
vivos ou mortos
móveis ou não
eu prefiro as pedras
e o vento.
As pedras
porque
estarão aqui em
silêncio
a colecionar segredos
sempre.
E o vento
porque é a voz
das pedras
e falará do pó
que restará de nós
enfim.



CONCURSO
DE
POEMAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA



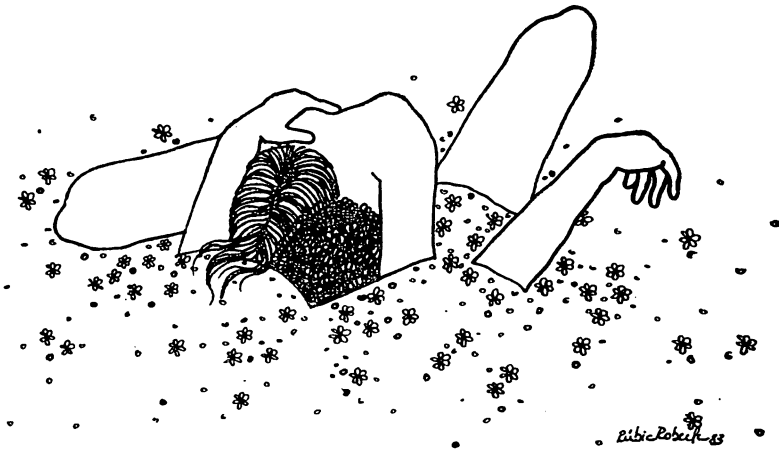
LUA DIMEL

NEMIAS DEMUTCHA

Rita Espescht

Curso de Medicina — ICB

Quando me surpreendo outra vez
no seu abraço pela cama afora,
tantos lençóis!, e eu respondo qualquer pergunta,
o amor: qual amor?
Respondo sim.
Seu rosto súbito. Vou esbarrar em mim
madurando por aí.
Meu amor barbudo! para ele
casal de sempre-vivas, um veio de trigo
enxoval de borboletas, um leito de rio.



TRIBUNAL

ANTÔNIO MARANHÃO

Eduardo José Tollendal

Faculdade de Letras — Pós-
Graduação

«Il n'y a que la haine pour rendre
les gens intelligents.»

CALÍGULA

o espantallo da audiência empoleirava os corvos
no papo da conciliação reconciliação

por fim
fui réu na corte glacial
destituí família
compreendi Joseph K.

vem de lá uma mulher arrepiando
querendo por metade do meu bem
pra gozo dela...

o juiz de toga
palidamente
polidamente
auscultava o rapaz datilógrafo

você tem outra mulher, malandro
o que fizeram da paternidade

eis o atalho do Brasil
bradei
louquíssimo

restaure se a moralidade
o divórcio antes do Congo
surpreendente derrota pra seleção do Qatar
justiça de negreiros nas costas da Guiné

Minha cara consorte
a barca da alegria é mais embaixo

tira se o véu da justiça
casais se digladiam
cada corvo voa levando a sua grana

TIMONEIRO

MATTI

Zina Vieira

Curso de Comunicação
Social — FAFICH

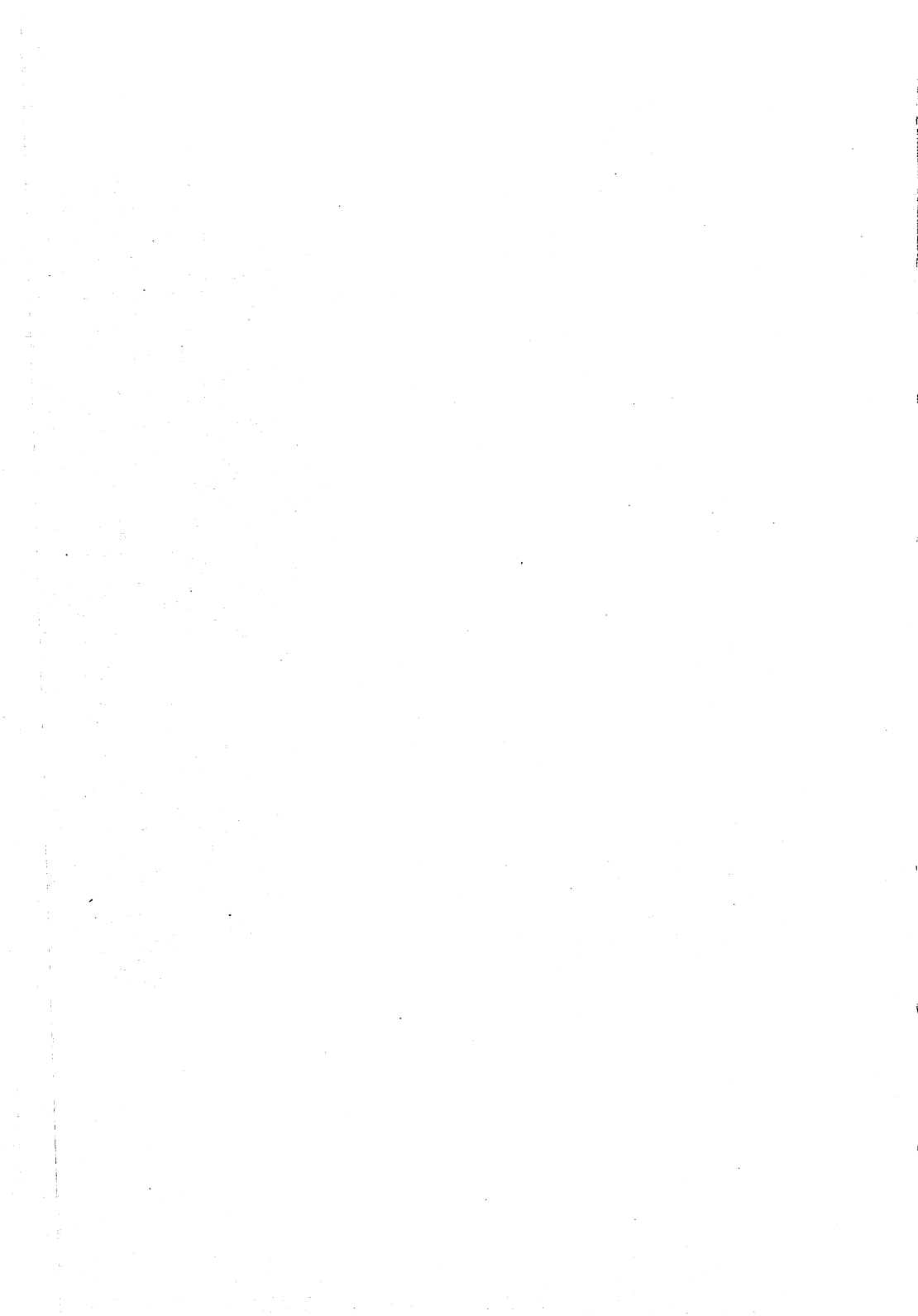
Nossa vizinha pedala uma velha máquina de costura
(na rua o calor cresce
e os homens decidem suas vidas,
o vendedorzinho de picolé aprende a andar,
a sonhar e morrer, gritando:
«oh o picolé Ki-bom! Ki-bom é o picolé!
Uma música chega de um rádio em frente,
mas não dissolve o som estralado do nosso pedal.
As horas passam.
Para meus filhos crio um exército vermelho pra vencerem
um dia.
Nós vendemos nossos corpos,
compramos objetos e criamos outros.
Os homens, nessa rua, pois é na rua
que a vida acontece, vencem a fome
suportando o calor, sofrem o dia
esperando a noite, morrem na noite
pra comprar o dia.
Agora, minha cabeça roda,
todas as cabeças rodam,
toda fadiga por um segundo cessa
pra aumentar depois,
pois o pedalar aumenta)

Há centenas de anos a vizinha
ouve a mesma música,
despe da mesma roupa
e se acha louca quando pode parar.
Há pouca luz nos olhos dela
e sua mão treme ao enfiar a agulha.
Ela está morrendo
quando o mundo morre,
quando morta está o pedalar,
o rádio e o Timoneiro.

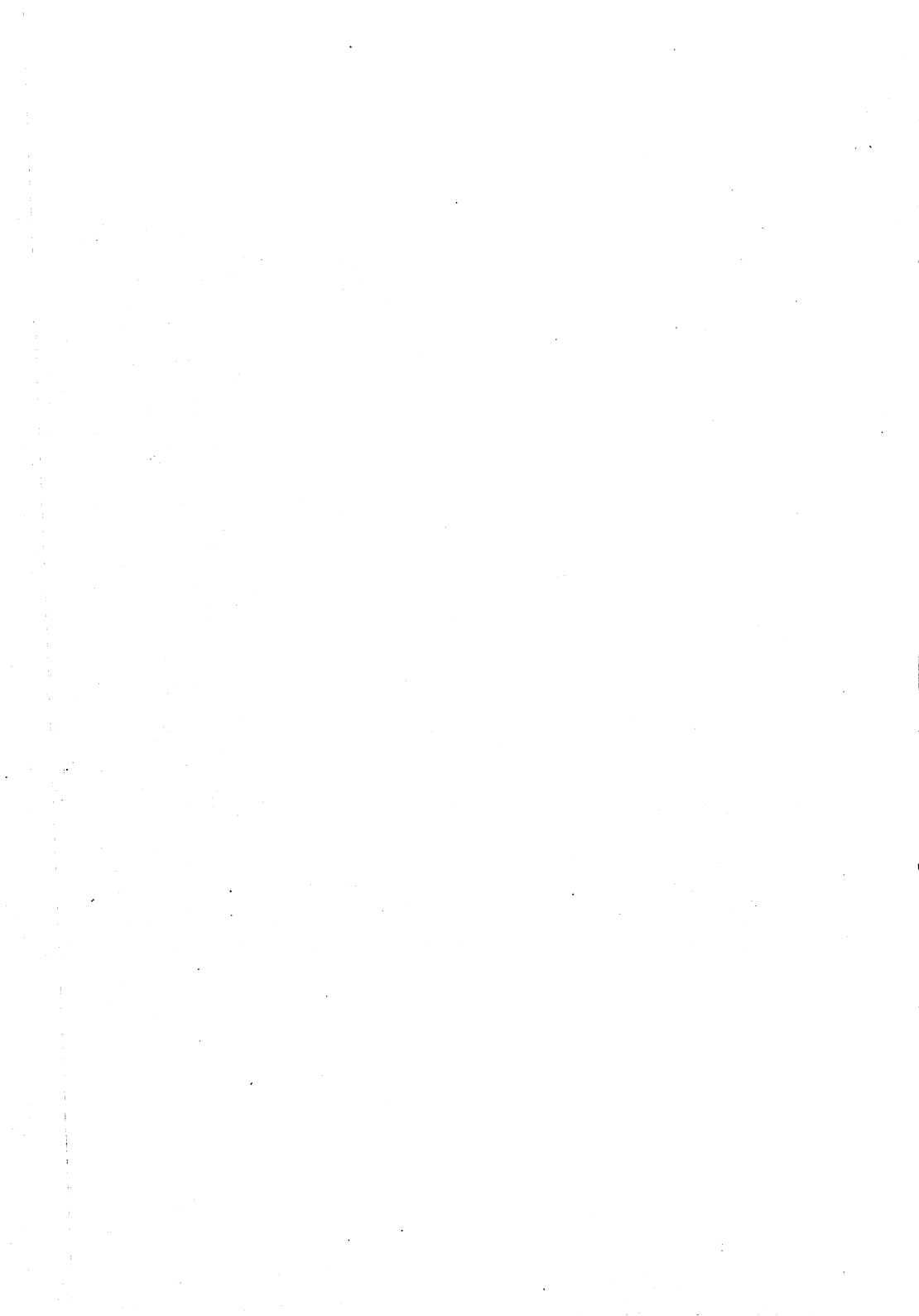
RL

revista literária

SEGUNDA SEÇÃO



POEMAS



GIRASSOL

Julizar Dantas

De sol a sol José
capina, planta o pé na roça
transpira odor de cachaça
de sol a sol Maria
cozinha, lava a bunda das crianças
deita com José
de sol a sol zezinho, quinzim e das dores
fuçam o quintal da infância
tropeçam anêmicos na solidão da miséria
bichas embriagadas brotam dos orifícios
naturalmente
de sol a sol

QU'EST CE D'AMOUR

Poema de Francisco I

Qu'est-ce d'amour? Comment le peult on paindre?
Si c'est ung feu dont l'on oyt chacun plaindre
D'ou vient le froid qui amortist ung coeur?.
Si cest froideur, qui cause la chaleur
Dont toute l'eau ne peult jamais estaindre?
S'il est si doux, parquoy n'est doncques
 moins
L'amertume? S'il est amer sans faindre,
Aprenez moy d'où vient ceste douceur.
Qui'est-ce?

QUE É DO AMOR?

Moacyr Laterza

Que é do amor?
 onde do amor?
Se ele é um fogo
 lume que arde
que causa alarde
 queixume e choro
a todo mundo,
 se ele é um fogo
donde vem seu frio
 ardor ou frio
que traz a morte
 a dor profunda
ao coração
 coração vazio.

Se amor é um frio
 amar e frio
quem causa este calor
 seu ardor quem traz?
que jamais um rio
 um rio ou mar
jamais pudera
 com suas águas
estas mágoas
 apagar um dia?

Se amor é doce
doçura tanta
por que não é menor
menor a dor
sua amargura larga
travor amargo
e duro.

Mas se amaro é amor
amaro amar
sem disfarce ou farsa
o amargor do amar
ensinai-me senhora
dizei-me senhor
por que em doçura
tão doce agora
amor se faz?
amar se fez?

Amor aonde?
Que é do amor?
Onde do amor?
Onde o amar?

ARTIGO 1º

Amador Ribeiro Leite

companheira,
como seguir viagem
se o barco (bala-balanço) esbarra
no barranco
titu(bêbado)beante.

§ 1º não recuperar o remo
apodrecido de início.

§ 2º não calafetar a canoa
que se oferece língua incandescente de
precipício.

§ 3º não re-hastear a vela
pelos ventos revertida.

§ único antes:

TEORIA

Ângela Lara Resende

No canteiro vegetal
Da escritura
Fenece em mágoa
A flor tropical.

No abismo mineral
Entre o fruto e a semente
É que a forma se faz
Presente,
No fundo de ti mesma
Montanha triste,
Órbitas abertas na terra
para que perfaça
Um dia
A lágrima nascente
Da sombra e do minério.

Reinvenção da infância
No primeiro espanto
Do gozo inteiro
Do fruto e do pranto.

Cometas não voltam
Nunca mais,
Mas quem fica
É ânsia.

Quer a voz noturna
De sacis em ais
Em afundados montes
Sem substância.

O ipê quando desfaz
A água de ouro
Sobre as folhas.
(Doçura tão amarga de setembro)

O grande olhar fixo
Das iaras
No fluir dos rios.

O que mais?
Do que se perdeu
Já nem me lembro
Outro sou eu.

Pequenina flor
Subindo da solidão e do nada
Para o olhar invisível
Da lua.

Serás de quem te beber
As raízes cortadas,
Porque sangras
O subterrâneo sangue
Da tua identidade perdida,
Colada a teu estilo
De pétala exangue.

Serás de quem te queimar
Na aurora fria
A ferida entreaberta
Sem mistério
Na pálida pedra.

Pois antes de mulher
És teoria.

CANTIGA 1

Leda Maria Martins

Ai, mia senhor, a solidude é
Ai, mia senhor, a solidude vence
E quero tuas mãos não as minhas
na pele
E quero teus olhos não os meus
nos pêlos

Ai, mia senhor, a lassidão me vence
E quero tuas mãos no meu torso nu
E tenho de teu tato
a carência cia
E tenho de teus dedos
a vontade solta

E quero tuas mãos no meu leito tido
E tenho de teu tato a carência toda
E sonho no espelho teu perfil
de amigo
E sonho na cambraia teu contorno
de ventre

E tenho de teu tato os vestígios fracos
E sonho no espelho o teu linho rasgo
E quero tuas mãos mia senhor
nos pêlos
E quero tua saliva mia senhor
nos vácuos

AMAR, AMARES

Lúcia Castelo Branco

Porque vos amo,
Escobar,
porque vos amo
incontinenti
e sempre
pois que sois mouro
e maçã,
serpente
pois que sois louco,
louco, Escobar,
demente
e sois
dois
vários, muitos
tantos
e sois
todas as cidades
e sóis e luas
todos os planetas
pois que sois
chuva, tempestade
e mar, Escobar
vos amo
de amor insano,
incontinente.

MATUTO

Maria Consuelo Porto Gontijo

matuto
quando deita a cabeça na cidade,
os pés ganham a estrada.
e o asfalto, lastro
na derrubada das matas,
é mastro
de barracos que se apinham
nas costas acidentadas
do morro.

fero-cidade
onde o corpo fazendeiro
rumina
a solidão dos bois
na vontade
de um copo de leite.

fero-cidade
onde o alvoroço do regato
se empoeira
nas latas d'água
puxadas
do outro lado da pedreira.

fero-cidade
onde à saudade,
a dizer lamentos,
se comove indecisa
em cada ponta de capoeira.

fero-cidade.
em cada ribanceira um perigo,
em cada encosta de mata
a criminalidade.

fero-cidade
sem canto de pássaros,
o céu cuspiendo fumaça,
o suor sem trabalho.
as sementeiras, na invernada
das chuvas,
esquecidas
num copo de cachaça.

NOITE QUALQUER

Maria do Carmo Brandão

Procurei você na madrugada eu estava nua
e crua e perplexa com sua partida
sem o tradicional adeus com que nos
presenteiam os homens
fortes e vitoriosos
Procurei você nos bares nas esquinas nos
recantos cheios de encantos
onde costumávamos nos mostrar nossas vantagens
e sabedorias
Procurei você, precisava disso e não me fartei
em encher de detalhes o objeto de minha
procura...
Tornando à casa abrigo para meu frio
e cansada
recolhi mais um dia que se ia lento
vago modorrento e diluído
SEM VOCE.

EMERGÊNCIA

Maria Magdalena Lana Gastelois

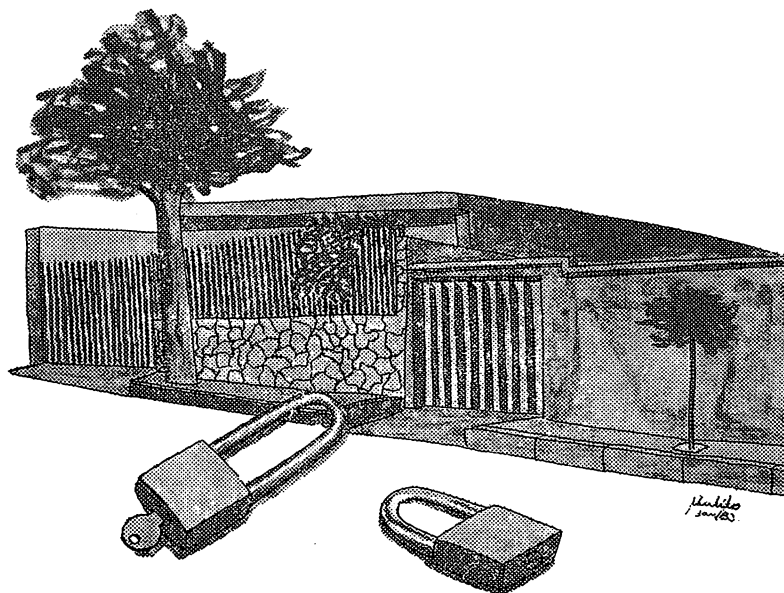
Sobre asfalto e cimento
em apressados passos
movo meu cansaço

por todos os lados grades
e muros altos.

A chave a tranca o trinco
o caco de vidro
o guarda a grade o alarme a corrente
o grito
a fome o homem o negro
o salto no lote vago
a ameaça — não saber mais o que se faça em
sobrevivo

Para sobre-vida
a faca a força a farsa
cada um se abrigue e se livre do outro
DESTRUIR É A META
PRIMARIA, IMEDIATA
nosso medo nossa pressa
nossa chave nossa comida
nossa coisa nossa vida
nosso medo nossa pressa
nossa roupa nosso cansaço...

Nosso tudo nosso nada
e a fome do outro
o nosso medo
o nosso resto no lixo.
É o nosso medo
o nosso armário entupido
e o nosso luxo.



O nosso pão não comido seca num canto
no barranco o barraco
no barraco o ronco
da barriga do outro.
E nós,
comendo nosso bife
cercados até os dentes e protegidos
A MULTIDÃO EMPURRA A PORTA — é o nosso medo

JOGUEM SEUS RESTOS
ACALMEM A FOME DELES
FECHEM AS PORTAS
RÁPIDO!
COMPREM REVÓLVER
SÃO UNS BANDIDOS
TAPEM OS OUVIDOS

TAPEM OS O-U-V-I-D-O-S!

MARINHA

Paschoal Motta

O MAR NAS MÃOS NO DEDAL DE OURO
E A OFERENDA DE BRANDAS PÉTALAS

O NAVEGADOR: AS VELAS PANDAS NO ESPELHO
E O TEU COLO AMARGO DE TEMPESTADES

O SEIO IMPÚBERE NAS CONCHAS E REFUGIOS
E O SABOR DE ESPUMA NOS REMOS DA MANHÃ

UM DEUS PONDEROSO NAS PROFUNDEZAS
E O RAMALHETE DE ALGAS NA GRINALDA

O FRUTO NASCIDO E SUBMERSO DE AUSÊNCIA
E A BÚSSOLA DE SONHO NO PINO SOL E ABISMO

BLUE

Paulinho Assunção

Penetro-te sou o pombo que arrulha e penetro-te
freios que não me querem penetro-te égua de mim
dentro vou ao fundo cascos nas léguas que te penetro
ó túnel ó fruto ao fundo que te penetro
água-forte no rubro mar de dentro penetro-te

E porque não há rédeas penetro-te minha condolente
égua e remo n'água meu ser já não dono mas apossado
fome que me come eu já também o penetrado
fagulhas de naves chispa de retinas

E somem na ponte que nos une o penetrante e o penetrado

Orla seu barco meu hálito ó nave ao largo do vácuo
ó ave **cave** do meu chorado banjo em **blue**

O SOL DA ÂNSIA

Salomão Souza

Vejo o vento
e seu passeio ao sol.
Eleva e volta
serenando a plumagem
branca.

Num bico recurvo,
o ganso estica
seu alcance.

Até onde vai
minha ânsia
não me avanço.
Também ela não é
assim tão calma
que possa pairar
sobre o lago
e olhar sem que
ninguém saiba.

**UBI SUNT DAS RIMAS FÁCEIS
OU
POEMA DAS SETE FÁCEIS**

Valmiki Villela Guimarães

Para Nancy Maria Mendes

Bom mesmo era nadar no córrego
trepar nas árvores roubar pitanga
soltar papagaio jogar finca e pião
ai, infância, sei fazer isso mais não!

E tinha Emília e Pedrinho e Narizinho
e o Visconde e Tia Nastácia e Dona Benta
e o Quindim e o Marquês de Rabicó
... ai que dó!

E depois veio Tarzan e mais o Zorro
e o destemido Capitão Blood
nas matinês do Cine-Teatro Brasil.
Ai que saudades daquelas manhãs
(«Havia manhãs naquele tempo!»)
sem máculas nem mágoas no meu céu de anil!

A poesia: deslumbramento!
E a visita à casa paterna?
Depois: Cabral, Bandeira, Drummond...
Mas Raimundo Correia era tão bom!

E depois veio o só. A angústia. Rilke.
O ser ou não ser. Existencial. Sartre.
Lusco-fusco na alma. Passos pela noite. Café.
O bar: Fellini, Antonioni, Resnais.

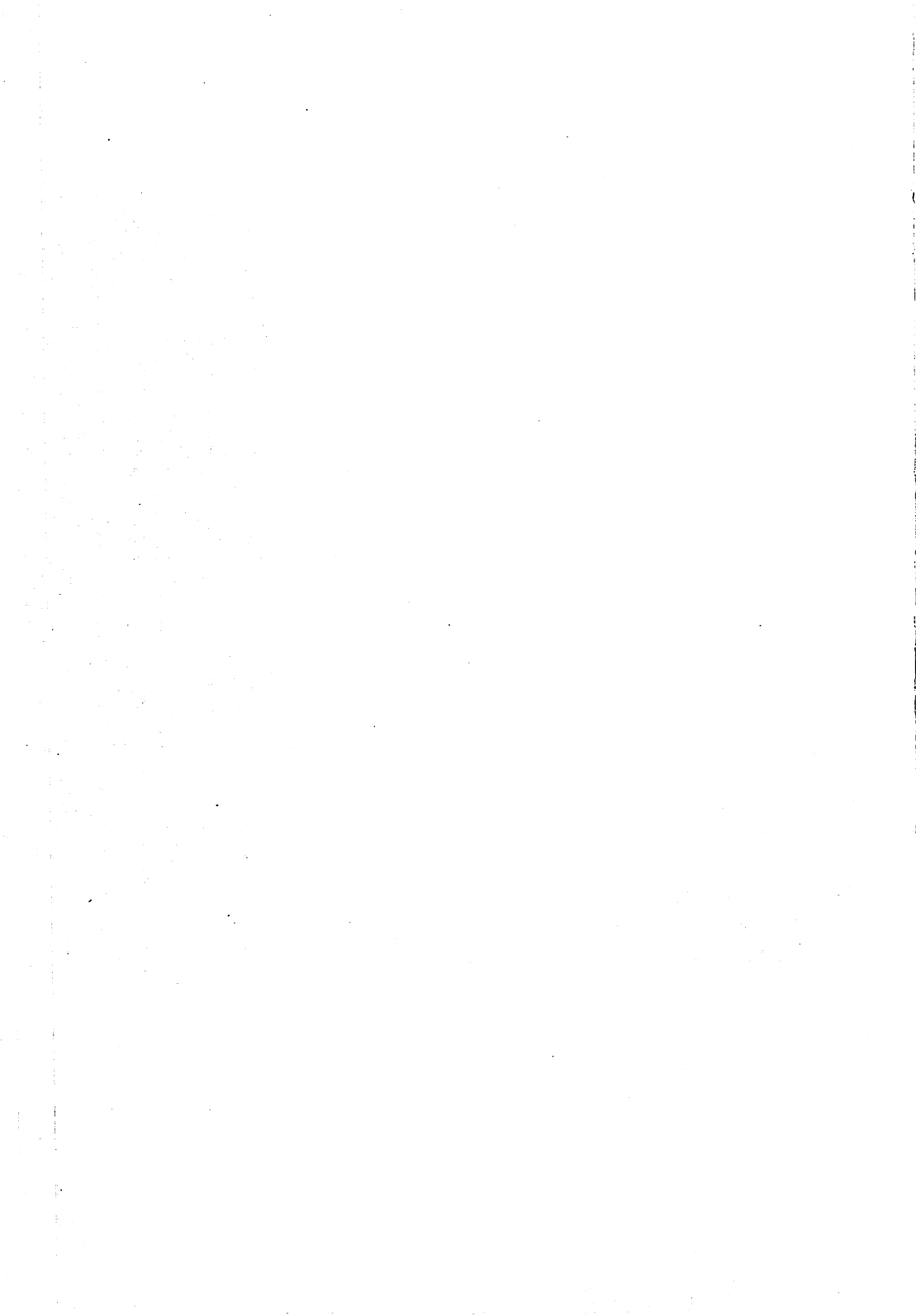
E as musas: Marilyn, Lollobrigida, Brigitte.
«... et Dieu créa la femme. Some like it hot.
La più bella donna del mondo!»
O escuro do cinema tinha pernas, braços, boca...
Ai, mundo, mundo, vasto mundo!

Divergências, convergências, descaminhos.
A cabeça nos lugares, no lugar.
Hoje a vida vai serena no coração.
Anseios... angústias... amores...
Onde, onde estão?

DUELO

Ronald Claver

TENHO NO CORPO SUAVES ONDAS
MONTANHAS DE MUITO ONDULAR
DO CORAÇÃO PARTEM DOIS RIOS
CORRENDO O CORPO, QUERENDO O MAR
MAS NA CONFLUÊNCIA DA NOITE, NA
FUNDURA DAS ÁGUAS, NO BREU DAS
PEDRAS, NO MEANDRO DOS LENÇÓIS
NO POUSAR MAIS QUIETO DO CORPO
SOBRE A PLANÍCIE DO COLCHÃO
É QUANDO
FAZ ESCURO NO CATRE
A LÍNGUA É ASPERA
DE AMOR URGENTE
ENTÃO EU TE PEGO, TE ARRANHO
TE ADENTRO ESTE TEU CORPO
DENSO
E CAVALGO TEU DORSO QUENTE
TE SERPENTEIO E TE CRAVO
O DENTE



CONTOS

TOCA O BONDE, ANA

Branca Maria de Paula

Depois que Aristides morreu, fiquei sozinha nesta terra. Sozinha de tudo. Nunca plantei filho neste mundo maluco.

Mas outro dia plantei uma árvore. Era uma semente aveludada, redonda, a coisa mais bonita que já vi. Comi o abacate e joguei o resto no lixo. Aí fiquei com aquilo na cabeça:

«Que coisa feia você fez, Ana. Jogar fora uma preciosidade destas. Então não sabe que o abacate é uma espécie em extinção? É como se... como se você tirasse a comida da boca de seus filhos.»

Mas eu nunca tive filhos, caramba.

«A comida da boca dos pobres, então. Planta uma árvore, Ana, planta e serás recompensada.»

Então peguei uma tigelinha velha e enchi de terra. Terra boa, do lote aqui do lado. Todo dia nosso prédio despeja o lixo lá. Quem passa também coopera do jeito que pode. E o resultado é esta terra suculenta, excelente para quem gosta de adubo natural.

Pus meu abacateiro atrás do tanque onde guardo garrafa, badulaques, coisas que quase nunca nem uso. Mas eu estava tão empolgada com a novela «Pai-Herói», tão revoltada com o cinismo do César, tão preocupada com a perna da Carina e com tanta pena do André, que esqueci minha árvore. Como se eu não me preocupasse com o futuro da humanidade.

Até que a dona Antonieta, minha vizinha, pediu uns cascos emprestados para a festa da coca-cola... uns cascos de coca-cola para a festa da Marilu, filha dela, é o que eu queria dizer, tem hora que confundo, falo tudo às avessas. Quando olhei atrás do tanque, quase tive um ataque daqueles que a Filhinha que mora ali em cima, a Filhinha dá, de vez em quando. Quase desmaiei de alegria. Uma alegria de quem nada espera e de repente ganha uma cesta de flores de uma pessoa que ela desprezou ou maltratou.

Mal tratou. Foi o que eu fiz com a sementinha. Um tapa macio no tundá, um tapa de luva, e a Ana foi parar nas nuvens. A sábia natureza se vingava sabiamente do meu egoísmo. Tomei a tigelinha entre as mãos um pouco arrependida do meu alvoroço em volta do Pai-Herói, um pouco engasgada. Chorar de verdade só quando morreu o Aristides. E agora, por causa do Evaristo...

Meu abacateiro tá bonito. Passou a altura do tanque. Daqui a alguns dias vai ver tem abacate e a Ana vai sair de casa em casa, quero dizer de apartamento em apartamento, perguntando quem gosta, como eu fiz no caso do Evaristo. Quer dizer, eu não perguntei de porta em porta quem gostava do Evaristo que eu não estou aqui pra ouvir desaforo, mas indagando se alguém tinha visto ele na sacadinha da frente, tomando sol.

Mas abacateiro não fala. Não, não é boa companhia. Planta é só pra quem tem mania de teatro. Você representa, faz e acontece, ela assiste, fica verde e cresce. Tudo caladinha. Mas você escuta, você sente a planta respirar?

«Não, Ana, você não escuta. E isso te faz sentir mais ainda a falta do Evaristo».

O Evaristo era um falador. A gente se divertia. Dona Antonieta vinha, a gente bem conversando e ele metia a colher de pau no meio. Cada palpite, cada asneira... Só conversa atrapalhada. E o tanto que ele mexia com as empregadas do prédio. Não havia uma que não conhecesse o Evaristo.

Já o Aristides ninguém sabia que ele existia. Sizudo. Caladão. Quando ele morreu, acho que ninguém notou. Partiu desta pra não sei onde. Deus me livre e guarde, pensei: Ana, chegou a sua vez. A próxima é você.

Deitei na cama e fiquei esperando. Não aconteceu nada. Fiquei fiquei, depois disse: Ana, antes ele do que você. Deixa de frescura, mulher. Levanta e toca o bonde.

Não é que toquei o bonde?



Mas quando eu desligava a televisão, meu coração batia sozinho. Era um puto coração fazendo uma puta confusão no meu ouvido. Não tinha viv'alma no meu poleiro. Nenhum ser vivo. Só eu respirava dentro de casa.

Pensava nisso enquanto cozinhava. Fazia meia xícara de arroz. Meio tomate, duas folhas de alface, um ovo ou um bife deste tamaninho. Um punhadinho de feijão... e já perdia a fome.

«Mas Ana, você tem que comer. Tem que receber sua pensão. Entrar naquela fila, depois na outra, depois naquela outra. Se você não comer, como é que vai ser? Como é que vai pegar ônibus? Come, Ana, come».

Eu engolia a comida e limpava a casa. Punha o anjinho da penteadeira com os braços abertos para o lado da janela, as costas voltadas pro armário. Se eu não fosse lá e virasse o anjinho pra cá, ninguém, mas ninguém mesmo desvirava o coitadinho. Se eu não atrapalhasse a sala, ninguém atrapalhava. Nunca. Era isso que me incomodava.

Pensei então em arranjar um cachorro. Um cachorro é um animal ruidoso e comilão. Agita o rabo, agita a casa. E acompanha o dono e espera a sua vez. Meu companheiro, diria, afagando sua cabeça.

Mas aí tem o cheiro. Aquele cheiro de cão. Porque tanto ele come quanto caga e mijá dentro do apartamento. E eu nunca tive filho... Não, não, cachorro não dá.

Um gato, talvez. Um gato respira feito gente. Gente que sofre do peito, uma pessoa doente, é verdade, mas não tem o hálito forte do cão. E é mais moderado no comer. Mais silencioso. Uma presença discreta.

É. Arranjo uma caixinha de areia para as suas necessidades. Punha lá onde cresce agora o abacateiro e estava resolvido o problema da sujeira.

Ele esticaria o corpo, o pêlo eriçado roçando minha pele. Eu, minha alma doméstica em sintonia com sua alma doméstica, a esfregar coisas de mulher. A dobrar coisas de mulher. A lavar, a enxugar.

A enxugar o olho.

E depois do jantar, quando eu me sentasse no sofá de curvim, por causa daquela mola besta que apareceu do meu lado e espeta minha bunda, eu me acomodaria no lugar do Aristides, o gato dormindo manso no meu colo: calor na minha barriga, calor...

Aliso o pêlo do gato. Aliso.

Então meu nariz começa a escorrer só de pensar. Espirro. O gato estremece e salta do meu colo. Não sonho mais. Tenho alergia a animais peludos. Menos ao Aristides, o homem mais cabeludo que já conheci. Uma fita de cabelo subia pelo seu ombro

e descia pelas costas, bem escura, até se esfiapar embaixo. Eu gostava daqueles pelinhos. Também, o que adianta. Envelheci. Quem não morre, fatalmente envelhece. Achei que o Aristides fosse envelhecer comigo.

Mas e o Evaristo, gente, onde se meteu?

Estou sozinha, como da outra vez.

Encontrei o Evaristo quando desisti de criar os porquinhos da índia. Desisti por causa das horríveis doenças que eles transmitem com ar inocente. Até meningite, saiu nos jornais. Chego a ter arrepios de pensar.

Encontrei o Evaristo quando o casal de periquitos que eu namorava foi ficando pequeno pequeno, até virar uma bolinha de gude na minha cabeça, e vi que não iam resolver o meu problema. Justamente quando fui ao mercado dizer ao seu Getúlio que agradecia sua boa vontade, mas tinha pensado melhor e ele podia passar pra frente os bichinhos, justamente aí, seu Getúlio resolveu meu caso. Serei eternamente grata àquele homem enrugadinho. Quando ele morrer, se ele morrer antes de mim, faço questão de mandar-lhe uma coroa com meus eternos e sinceros agradecimentos. Porque durante o tempo que o Evaristo esteve em minha companhia ele só me deu alegria. Nunca tive motivo de queixa. Era fácil tratar dele. Comida, por exemplo. Um prato de angu e estava resolvida a questão. Podia não ter verdura, mas angu tinha de ter.

Uma única vez fiquei brava com ele. Foi quando a televisão da dona Antonieta estava no conserto. Eu não tinha nenhuma intimidade com ela, aliás não tenho, aliás foi a primeira vez que ela botou os pés no meu apartamento apesar d'eu morar aqui há anos, era só cumprimentar e pronto, o Evaristo dispara a falar bobagem e não adiantou cara feia. Tive vontade de torcer o pescoço dele. Numa daquelas cenas emocionantes, na hora que o André agarrou a Carina e não sei mais o quê, o Evaristo começou a maior torcida. Dona Antonieta ficou vermelha feito tomate. Depois disso, se acostumou com o Evaristo. Quando ele desapareceu, por sinal, me ajudou a procurar por todo canto. E até hoje não se conforma.

Podem ter matado o Evaristo. Assassinos. Chego a arrepiar quando imagino. Podem ter depenado o Evaristo sem dó. Ah se eu fosse... se eu fosse polícia. Se eu fosse polícia, ladrão comigo andava afiado.

Ou simplesmente raptaram o pobrezinho. Pura maldade. Enfiaram numa caixa e jogaram pelo morro abaixo o meu Evaristo.

Ou amarraram uma pedra em seu pescoço e zás-traz, no rio. Adeus, Evaristo, adeus.

«Que isso, Ana, chega de pensamentos negativos.»

Quem sabe ele fugiu. Voltou para...

«Não, isso não é possível. Seja sensata, Ana. Ele não ia parar em Sabará assim, sem mais nem menos. Ele pode ter saído. Saído.»

E não voltou até hoje.

Não voltou. As coisas acontecem quando a gente menos espera. Cheguei do Jumbo, abri a porta e chamei: Evaristo, Evaristo? Sabe o que eu trouxe?

Ele não ia adivinhar que era caqui. Aprendeu comigo a gostar de caqui. É uma fruta que descobri devagar. Primeiro engoli sem prestar atenção. Depois descobri o sabor. E então, o doce.

Como aconteceu quando conheci o Aristides. Um dia me dei conta de que não podia passar sem ele. Tive que aprender a passar sem ele. Parece caqui verde atravessado na garganta.

E agora, o Evaristo.

Vou ao mercado chorar as mágoas com seu Getúlio. Ele tem sempre a palavra certa.

Não há de ser nada, dona Ana — ele diz, e eu sabia que ele ia falar assim, ou parecido —, a gente resolve esse probleminha, na maior tranquilidade. Não precisa ficar aflita desse jeito. Vira e mexe aparece...

Não, seu Getúlio, não. Nunca mais. Foi a primeira e última vez. Igual o Evaristo não existe outro. Ele era tão alegre, tão prosa, tão engraçado... Um companheiro de fazer inveja. Não é questão de dinheiro. Sinceramente. Papagaio igual aquele não existe neste mundo.

E eu ia continuar falando, quando o seu Getúlio me interrompeu:

Nem se discute, dona Ana, nem se discute. Mas quem sabe agora a senhora arranja um mico. O jeito é tocar o bonde.

E é mesmo.

Voltei pra casa pensando no que o seu Getúlio falou.

Um mico, sinceramente...

PARLENDAS DOS QUARENT'ANOS

Danilo Gomes

«Névoas, chuvas, escuros — isso
tenho eu em mim.»

(FERNANDO PESSOA)

Rezam palimpsestos: a mandrágora emite um grito humano, quando cortada. Basilisco: aqui, serpente com uma mancha clara em forma de coroa na cabeça; ali, galo quadrúpede e coroado, de olhar mortífero. E o lépido gnu custodia as inóspitas savanas do Transvaal. (De um álbum antigo.)

Qual sílfide, ela bailava na manhã translúcida, iridescente, após a chuva noturna. (De um sonho, outrora.)

Por sua vez, a tarântula, de olhos medúsicos, espreitava com sádico gozo sua trêmula presa, um filhote de terneiro (ou de anho, com seu velo sedoso?).

O poeta dipsomaniaco, com mesa cativa na Gruta do Alvim, compunha líricos ditirambos em louvor de uma onírica Rapunzela — bela, boêmia, infiel, bovariana, desdenhosa.

Entrementes, o tridente de fero Netuno bifronte pasmava rudos pescadores da mística Bitínia. Palavras, parolagens, verbilúdica.

E olhando as vitrinas próximas ao Café de la Paix, na tarde opalescente, uma tânagra, a Bela da Tarde — tema para o pincel de Utrillo, Bonnard, Ismael Nery, J. B. Miranda.

E assim rompe a alba por sobre o planalto. Fim de uma noite insone. Andropausa, medo de enfarte, lembranças.

«Pompeiam hussardos e zíngaros pelas ravinas», sussura o lívido preboste ao ouvido do flébil hierofante, que, alheio, mordisca nêspers balcânicas.

Mas quem, na tarde violeta, ainda comporá vilancetes, elegias, madrigais?

Tenebrosas noites da Lapônia, de onde o sobrenatural não deserta jamais. Em contrapartida, é o Ródano romântico e a mítica Alsácia-Lorena, e são os melancólicos barqueiros do Tocantins e do Volga, e ainda o idílico Moldávia, e os velhos sobrados de Diamantina, onde ainda na noite se ouvem oboés, cravos, saltérios, flautas doces e os suspiros das sinhazinhas em flor.

Mas longe é o país dos bosquímanos e o dos tuaregues e o dos druidas e o dos gálatas, e mais longínquo o Eldorado nos portulanos de Balboa e Ponce de León.

E nesse comenos, o menestrel Paschoal, tocando sua avena entre plátanos e aveloses, sonhava desposar uma princesa monegasca. E entre pâmpanos e salgueiros, o pastor trácio ciciava uma pavana anacreônica para as Três Graças adejantes.

Quereis mais saber nesta tarde de chuva e solidão?

O gomil de alabastro, a ânfora de ônix, o escabelo de ébano e os coxins de púrpura no quarto azulado de Salambô. Ao longe, os zimbórios de pórfiro e as ondas cor de ardósia ao amanhecer.

«Bárbara bela, / do norte estrela»... (amantíssimo, tristíssimo, exiladíssimo Alvarenga).

Buganvilias, acácias, rosas de Drummond e Emilio Moura na antiga Praça, floridos flamboyants: onde os bondes de outrora, onde os bondes, subindo Bahia ou Pernambuco, descendo Floresta, trotando rumo ao Horto ou Santa Efigênia, nas tardes de um outono perfumado? (Chove sobre esse passado, caem gotas nas páginas de **Bonjour, Tristesse**, é o ano de 1957 em Belo Horizonte.)

E às portas da morte, o pesadelo de quem sempre se deu a leituras fantásticas: górgonas, cíclopes, cérberos, íncubos, súcubos, dráculas, hidras, onagros, gnomos, hipogrifos, unicórnios, lêmures, adamastores, e uma legião de demônios persas, babilônios, fenícios. Exorcizai-os, Monsenhor!

E depois, enfim, o mar. E no mar a praia. E na praia a paliçada. E na paliçada o tugúrio. E no tugúrio a morte. E na morte a vida, que não é tirada, irmãos, mas transformada.

A NEGRINHA

Plínio Carneiro

O casal entrou no restaurante, assentando-se numa mesa de canto. O homem, de camisa esporte listrada, pés em sandálias; a mulher, de vestido caro, amarelo — ambos com a cara oficial de férias. Eu tinha acabado de almoçar e, na falta de outras atrações, ia fiscalizando os gestos dos fregueses. Daí a pouco chegaram os outros integrantes da família: um casal de garotos, escoltados por uma negrinha magra e alta. O menino, gordinho e cabeludo; a menina, feia e magricela.

A tomada dos lugares da mesa foi emocionante, ora o menino escolhia a cabeceira, ora queria ficar no colo do pai, que bebia uma cerveja. Por fim, tudo é paz, sob as vistas do garçon, que esperava o pedido. O pai comanda o cardápio, entremeando as ordens com gritos para os filhos. Na outra cabeceira, a negrinha, sem jeito, na ponta da cadeira, parecia pedir desculpas pela sua presença em mesa tão nobre, parecia envergonhada por respirar o mesmo ar inspirado pelos patrões. Dez minutos de espera — e muito guaraná entornado, muito miolo de pão jogado no chão — e eis que chega a peixada, numa panela a ferver.

A mãe começa a servir: primeiro o marido, depois a filha, o menino ganha menos e, por fim, a si mesma. A empregada, lá no fim da mesa, encolhida num vestido simples, os pequeninos seios empurrando o peitilho da blusa para a frente, as pernas embaraçadas nos pés da cadeira, uma enorme fita escondendo metade do cabelo pixaim, a cara de boba. E os patrões a comer, regalando-se com o peixe, os camarões, o guaraná, a cerveja, o pirão.

A negrinha, na falta do que fazer, olhava as unhas da mão, pulava os olhos para o chão, daí para o teto, sem coragem de levantar a cabeça para a mesa, os braços também sem coragem de se encostarem na toalha. No fundo do restaurante, os dois garçons — um grandalhão com cara de lutador e um baixinho, rápido, elétrico; ao lado, eu e minha curiosidade, ninguém mais. A negrinha virava a cabeça de um lado para o outro, os olhos vivos sem lugar definido para fixar-se, vendo tudo e não vendo nada, humildes, humildes.

Me veio uma vontade de mandar o garçon servir à crioulinha o melhor da casa: um estrogonofe supimpa, o vinho português rascante, pão de queijo quentinho, a musse de chocolate. Me veio uma vontade de dar uma bronca no pai dos meninos, que desconhecia o olhar de fome da negrinha sobre os restos da batalha familiar à mesa. Ora, eu não tenho nada com isso, estou passeando, de férias, pra que criar um caso.

Levantei-me e iniciei a saída, dando um olhar de total desprezo ao casal de pais e de filhos. Ainda vi a mãe fazer um sinal de assentimento para a negrinha e ela se apoderar dos restos de peixe, de arroz, de pão, fazendo um mexido na panela de barro, feliz, feliz, agradecida pelo privilégio dado pelos patrões.

Ainda tive tempo de sentir os olhos da crioulinha se fixarem nos meus, brilhantes, como que adivinhassem a minha solidariedade. Olhos pequenos, redondos, negros, olhos de riso, olhos de felicidade.

Ainda tive tempo, antes de sair para a chuva de verão, de me sentir liberto de toda a raiva, ao ver o braço direito da negrinha levar a mão à testa, ao peito, ao ombro esquerdo e ao ombro direito, no pelo-sinal de agradecimento pelo banquete que a esperava na pequena panela de barro.

NOITE VAZIA

Maria do Carmo Brandão

Marianela pegou o soutien de dentro da gaveta, olhou-o com carinho e colocou-o em cima da cama. Continuou a se vestir, esticou as meias de nylon com ligas, do jeito que ela gostava, passou as mãos pelas pernas acomodando as meias no lugar, calçou os sapatos de salto mais alto. Olhou novamente para o soutien e colocou-o nos seios, sempre com o mesmo cuidado no vestir e fechando-o às costas. A blusa de seda transparente estava linda sobre o corpo carnudo e esbelto. A cor da pele sob a transparência aumentava o ar sensual de Marianela, que trazia no rosto moreno uma expressão de desejo e tranquilidade.

Daquela vez ia dar certo, ela pensava enquanto rodava a saia nas cadeiras carnudas e quase salientes. Não podia deixar de notar que àquela noite realmente ela estava boazuda. Que faria tremer de emoção o jovem grisalho que ela paquerara na rua. E que lhe causara tanto tremor pelo corpo, à simples menção da possibilidade de um encontro. Depois a troca de telefones, o abaixar-se doce na janela do carro, ele inclinando os olhos para melhor usufruir do colo perfeito que se estendia até o talhe que separava ou unia os seios.

Só podia ser bom — Marianela rastejando pensamentos ávidos —, ninguém poderia ser ruim, tendo aquela voz sonora, o olhar viril e sonhador. Ninguém poderia ser mau, se dependesse daquelas mãos vigorosas que apertavam as suas com tamanho calor e meiguice. As horas aceleravam o ato de passar perfume atrás das orelhas, no colo, na superfície do ventre e descendo as coxas. As horas ela combatia valentemente, cada ato executado com atenção mais especial que em qualquer outra época de que se recordasse.

Oswaldo nunca passara de bom amigo, do falar nas horas certas, do alfinetar com palavras doces, ainda que revestidas de uma certa raiva. Mas havia sido uma presença em sua vida. Com o corpo, o espírito, o intelecto. Uma emoção bastante forte a qualquer contato, mesmo que pelo telefone. Mas Oswaldo partira, antes do incidente, sem aviso prévio.

E ela ficou sem saber como encontrá-lo e ao encontrá-lo, como dizer, o tempo escoando, Marianela foi-se esquecendo do pior, após tanto desespero, tanta fossa e abandono...

Apenas as colegas de serviço, os amigos poucos, porém chegados. Os votos de sucesso e esperança, você é jovem demais, pra tudo tem conserto. E ela ouvindo e enquanto ouvia apalpava as ataduras sob a camisola. E auscultava o peito arfante, como se só ali estivesse o grande segredo que as pessoas sequer notavam.

Marianela sempre brilhante e independente. Marianela fazendo troça, rindo de tudo e de todos. Chorando nas horas certas. Colecionando elogios como se eles lhe bastassem ao espírito confuso. Os telefones sempre tocando, em casa ou no serviço. Marianela sempre com mil programas. Que a faziam rir e a traziam de volta à casa, bem-humorada e «satisfeita».

Mirou-se perdidas vezes no espelho, nádegas e peitos, pernas de égua de corrida, fortes e resolutas. Estava perfeito o xadrez da saia com a pele de ovo da blusa. O cinto preto e dourado firmava a cintura, fazendo suspender ainda mais as bochechas laterais. Tomando a bolsa com documentos e chaves do carro, Marianela encaminhou sua formosura em direção à noite.

Marinho a esperava, como combinado. Mais lindo do que ela o recordava à luz do dia. De azul e branco, emergia em meio às luzes de neon como um deus. Suas mãos, frágeis e frias, aqueceram-se entre as mãos dele. Caminharam passos dados até o carro e partiram.

Um jantar à luz de velas, repasto e vinhos. Perfeita a noite, como num sonho. As verdades subindo à cabeça, a coragem em dizê-las. Vontade de contar tudo, de rasgar o verbo e poder chorar no ombro, quando tivesse se esgotado. Num ombro largo

como a estrada da vida. A bebida subindo solta, Marianela ofereceu-se a ele como uma flor se oferece à primavera. Os braços compridos para os abraços, os beijos loucos se prolongando e cada vez mais, exigindo...

A luz de penumbra tanto a embelezava quanto deixava claras as curvas do corpo macio. Não não não... Apenas um brado rouco, abafado, entre os travesseiros. Por favor não, eu te peço, por amor de Deus, aí não.

Marianela encolheu-se no canto escuro, as mãos trêmulas comprimindo o soutien contra o peito, implorando sempre, para o olhar atônito que não entendia nada.

Despediram-se tensos e inexplicáveis. Com meias palavras se disseram adeus, ela correndo para o vestíbulo do prédio, desesperada, onde pegou o elevador. Sem nem olhar para trás.

No aconchego de seu velho companheiro quarto, Marianela lavou as lágrimas e desacertos do rosto, tirou a roupa novamente e, nua, deitou-se na cama.

Sob a luz do abajur, ela mergulhou nas cobertas, soltou as presilhas do soutien e apalpou seu corpo. Exatamente ali. No espaço vazio, onde não mais existiam dois lindos seios.

Marianela apagou a luz e chorou mais uma noite interminável.

A RESPOSTA

Eunice Dutra Galéry

Tudo lhe era conhecido ali. Cada cantinho, que ela limpava conscienciosamente, como lhe mandaram. Sabia quantos passos media o corredor que levava ao refeitório, quantos até o banheiro; onde cada coisa se encontrava no dormitório. Se um dia ficasse cega, não faria grande diferença: talvez os outros nem mesmo percebessem.

Os outros... Norma sempre tinha um pouco de medo dos outros: principalmente dos novatos. Sempre havia caras novas e, quando chegavam, Norma se escondia num canto da cozinha. A cozinheira era mais velha que ela e, de vez em quando, lhe dava uma panela para raspar.

Norma não sabia muito bem há quanto tempo estava ali. Será que já tinha vivido em outro lugar? Uns retalhos de lembrança insistiam em aparecer vez por outra, mas era à noite, em sonhos, que eles teimavam em voltar; assim, Norma nunca tinha certeza, nunca conseguia separar o real do sonhado.

Eles eram bons para ela, ali. Ela se sentia protegida, em segurança. Sua adoração pela Irmã Caetana era comovente. Chegava a dormir na soleira da porta da Irmã, como um bichinho, para ficar mais perto dela. Quando a Irmã Caetana descobriu o que ela fazia, não ralhou com ela: apenas lhe explicou que não devia fazer aquilo, que poderia adoecer por dormir no chão frio e finalmente lhe disse que estava proibida de continuar a fazê-lo. Norma aceitou e obedeceu: desse dia em diante, ia sempre dormir em sua cama, no dormitório, junto com as outras, embora, na hora de se deitar, voltasse os olhinhos amendoados para o lado do quarto da Irmã Caetana.

Só de uma coisa Norma não gostava ali: era tudo tão cinzento!... Cinza o pátio acimentado, onde apenas duas árvores raquíticas punham um pouco de verde, cinza as roupas de todos, cinza as paredes, até as colchas, a princípio brancas... Ela gostava de cores, muitas cores. Ficava fascinada, vendo Irmã Caetana juntar retalhos para fazer colchas coloridas, tão lindas! Norma gostaria de ter uma colcha daquelas para pôr na sua cama; mas quando Irmã Caetana acabava uma, guardava numa grande caixa, uma após a outra, muitas colchas que eram vendidas no bazar do fim do ano, junto com os trabalhos das outras Irmãs. Norma tentara ajudar a fazer as colchas, os retalhos coloridos exerciam irresistível fascinação sobre ela: mas seus dedos inábeis estragavam todo o trabalho, ela não era capaz de juntar retalhos.

Nos seus sonhos, as cores voltavam: havia verde, azul e muito vermelho. Ela gostava do vermelho, era tão alegre!

Irmã Caetana deixava que ela brincasse com os retalhos, enquanto costurava. Ela adorava aquilo: ficava horas brincando e cantarolando coisas que ninguém entendia — e quando Irmã Caetana mandava que ela parasse de brincar, juntasse os retalhos e varesse o chão, Norma obedecia imediatamente. Ela sempre obedecia, cega e imediatamente.

Um dia, Norma tentou contar à Irmã Caetana o sonho que voltava. Falou-lhe do irmãozinho, que vira no sonho colorido. Mas, como todos a quem falava daquilo, Irmã Caetana desviou os olhos e mudou de conversa. As pessoas sempre faziam assim e Norma nunca sabia se o sonho era sonho só.

Norma gostava também dos dias de chuva: achatava ainda mais o já achatado nariz contra a vidraça e ficava olhando a água cair, formar riachinhos, correndo pela vidraça. Só não gostava dos trovões: metiam-lhe medo. Quando havia trovões, Norma tapava os ouvidos e saía correndo, com suas perninhas tortas, de equilíbrio precário, e se enfiava debaixo da cama. Deus estava zangado com ela, que não entendia por quê.

Os farrapos recusavam a se juntar. Às vezes, a quase certeza de que existira uma casinha com jardim e um irmãozinho. Mas a lembrança se desfazia, misturada com os sonhos que, às vezes,

eram maus. O sonho dos gritos, por exemplo. Norma sonhava com os gritos, as mãos que a empurravam violentamente, tiravam o irmãozinho de perto dela — e os olhos, uns olhos terríveis, que a olhavam com horror, fazendo-a sentir-se amedrontada, culpada sem saber de quê. No sonho havia muito vermelho, muito vermelho e uma faca gigantesca. Norma acordava aos gritos, era difícil acalmá-la então. A lembrança do sonho se misturava à realidade, ela não conseguia encaixar as coisas no lugar. Como naquele joguinho que a moça queria que ela completasse: encaixar as figurinhas nos lugares certos. Ela não conseguia, por mais que se esforçasse, a língua apertada entre os lábios, inteira se dando na ânsia de obedecer — mas não havia jeito.

Por que as pessoas não gostavam de falar no irmãozinho? Será que ele não tinha existido? No entanto, Norma se lembrava da mãe ameaçando cortar as mãos dele, se continuasse mexendo no que não devia. Ou não seria lembrança — apenas mais um sonho? Tantos anos já... Ela não sabia quantos, não tinha noção do tempo no seu mundo sempre igual.

Norma já não conseguia correr com suas perninhas tortas. Irmã Caetana lhe dava remédios amargos, que Norma tomava por pura obediência. E o delírio da febre se juntava aos sonhos e às lembranças, tudo tão confuso...

Norma piorava e piorava. Numa ciranda, os retalhos coloridos passavam na cabeça febril: o irmãozinho mexendo no perfume da mãe, a vizinha aos gritos, Norma obediente, com a faca na mão, muito vermelho, as mãos que a atiravam rudemente para um canto, os olhos terríveis que pairavam no ar, sem dono, a mãozinha no chão, ela tinha apenas cumprido a ameaça da mãe, a faca, os gritos, o vermelho em toda parte, tão bonito o vermelho... Depois, só o cinza a seu redor. Os olhos sem dono dançavam no ar e se pregaram no rosto da mãe. Um retalho costurado. Mas não ficava bonito. Não como as colchas da Irmã Caetana. Por que os olhos lhe causavam medo? Ela sempre tinha sido obediente. Por quê?

Norma morreu sem entender.

O DIA DE QUEBRAR O COCO

Sônia Queiroz

Hoje a barriga não doeu. E nem coçou. Mas Anaiá sabe, porque Anaiuri falou, que o menino está brotado e cresce dentro.

Anaiuri fica na toca muitas luas, não toma sol nem vento, nem a água da chuva já tocou seu fio de cabelo. Anaiuri fica entocado, só, calado, muitas luas. Depois ele aponta e lá do alto chama e escolhe: Anaiá vai inchar a barriga e vai ter dor, e o menino vai brotar de dentro e coçar. Anaiá vai urrar e zumbir. E explodir no pequeno anajá.

Hoje a barriga não doeu. E nem inchou. Mas Anaiá sabe, porque Anaiuri falou, que o menino vai coçar de dentro dela.

Anaiuri fica na toca muitas luas. E bebe e come preparado de Anaiá. Anaiuri fica enfarado, pede sono. E vai deitar o corpo em tecido de Anaiá. Depois desperta e lá do alto chama: Anaiá vai untar a pele e adoçar o cheiro e vai virar fera mansa de roçar. Anaiá vai chiar e zumbir. E explodir o grande anajá.

Hoje ela não riu. E nem brincou. Mas sabe, que a mãe ensinou, o canto de cada pássaro e o passo do braçaíá.

Antes, assustava curumins, do meio da folhagem. Ninguém ouvia pisar. E eram todos encantados do arremedo de uiramiri. Misturava na rama, arrodia tronco, e, nas águas, brincava de ser Naiá, que virou flor gigante. E enredava fibras e amoldava o barro.

Hoje nem brincou. Ficou sentada e pensava no menino que nem coçava ainda e ela sabia brotado lá dentro, que Anaiuri falou. Ficou sentada e pensava em Anaiuri lá do alto falando: Anaiá! Ficou sentada e pensando que o pequeno seria grande anajá: Anaiuri.

A mãe, que untou a pele muitas luas, muito inchou e explodiu tanto anajá. Quando Anaiá cresceu o peito, ela chamou: Anaiá vai enfeitar o cabelo, colorir as penas, e vai virar fera mansa de casar. Anaiá vai ouvir e calar. E seguir um grande anajá.

Quando morrer, será: inchou seis vezes — três bravos, três esposas anajás. Enquanto viva: Anaiá vai untar a pele e adoçar e virar mansa e roçar. E chiar e zumbir. E inchar e doer e coçar. E urrar e explodir.

Ficou sentada e pensava. E hoje não riu. E quando Anaiuri chamou, ela subiu. Pedindo sono, enfarada. Mas Anaiuri tinha fome e tinha sede e pedia os cuidados de Anaiá. E ela virou bicho sereno, pachorrento, e preparou de beber e de comer, depois lambeu as mãos e os pés de Anaiuri, e alisou seus cabelos e as costas e o peito e as pernas, e zumbiu como as abelhas no ouvido, e chiou e explodiu Anaiuri.

Depois de muito sol na barriga, Anaiá principiou arredondar de cintura, e o peito crescia, pedra de rio, ponta negra. E, assustada, ela alisava a pedra e o monte.

A mãe servia preparado de mulher prenhe, e a filha comia e inchava mais. Então a mãe ensinava o canto de dormir os pequenos, e a filha ensaiava, alisando o resto de cintura. E dormia com sol, que sentia moleza, e inchava mais. Então a mãe ensinava o carregamento dos pequenos, e a filha ensaiava, carregando o broto que coçava.

Anaiá nunca explodiu nenhum pequeno. Mas sabe, que a mãe ensinou, o canto e a dança de amansar a dor.

Hoje ela não riu. E nem brincou. Nem ensaiou um canto. Carregando o broto que escondeu sua cintura, foi beirar as águas, onde bóia Naiá-flor. Ficou sentada e pensava. Quando morrer será: inchou seis vezes — três bravos, três esposas anajás. Ficou pensando no menino que coçava e crescera tanto que não podia mais inchar. Ficou sentada e olhava os troncos e invejava. Que, Anaiá sabia, aqueles nunca inchavam. Ficou sentada e sonhando ser um tronco, esguio vegetal. Ficou sonhando e, quando subiu, Anaiuri tinha fome e tinha sede e chamava os cuidados de Anaiá. E ela serenou e virou bicho pachorrento, e preparou de beber e de

comer, depois lambeu as mãos e os pés de Anaiuri, e alisou seus cabelos e as costas e as pernas, e nos ouvidos arremedou o uiramiri e encantou e dormiu o anajá.

Depois sentou e sonhava. Depois principou um canto que ninguém percebia. Era só ela cantando e os troncos que aguardavam. Depois sonhava e dormiu.

A mãe ensaiava o canto de amansar a dor, e a filha alisando o broto inchado e sonhava. Então a mãe ensaiava a dança de amansar a dor, e a filha cantava e ninguém percebendo.

Quando morrer será canoa leve percorrendo o rio entre Naiás. Enquanto vive Anaiá fica sonhando e vai cantando o canto que ninguém percebe.

Nem ninguém viu quando Anaiuri chamou e ela não subiu nem respondeu. Anaiuri tinha fome e tinha sede e pedia os cuidados de Anaiá. Anaiuri chamando sua abelha, e Anaiá, serenada, era palmeira, esguia, que dá coco. Amarelo e verde, indaiá.

DEUS DOS ABISMOS

Duílio Gomes

O verão estala as cascas das cobras enrodilhadas nos desvãos escuros do jardim público. É um jardim oval, mal cuidado, juncado de ervas e margaridas anêmicas, com um pequeno quiosque de ferro no centro. Sentado no único banco do jardim, um velho cochila, alheio ao movimento que se instalara a alguns metros dele, no teatro da casa paroquial.

Mães e pais chegam carregando ou arrastando crianças pelas mãos e tomam assento nas cadeiras de palhinha dispostas diante do palco. O calor fermenta as guirlandas de flores trançadas no teto. Vozes, risos, cadeiras arrastadas e o som de um piano desafinado ecoam no teatro e trespassam as cortinas do palco. Por trás delas o pároco e as professoras dão as últimas instruções a um bando de crianças vestidas de branco que irão declamar ao som do piano da diretora do grupo escolar. Arrematam laços nos cabelos das meninas, limpam lágrimas em alguns rostos, separam meninos brigões enquanto pregam alfinetes em suas gravatas amarrotadas, recapitulam Olavo Bilac e Casimiro de Abreu e tropeçam nas paisagens pintadas — papelões justapostos com regatos, holandesas, pastores, pombas e estrelas se atropelando. Tudo zumbe, como uma colméia.

Ele pára o Ford amarelo na porta do teatro e ela desce com a menina. Ele arranca o carro, sem se despedir. Ela fica parada, segurando a garota pela mão enquanto uma nuvem de pó se arrasta com o Ford. Puxando a filha, ela entra no teatro, ainda sentindo a acidez da colônia dele, o seu hálito de conhaque e o

seu corpo balofo que a poltrona estreita do Ford obrigara ao contato. Ela se sentia tão constrangida durante o trajeto da casa ao teatro que, para disfarçar, viera se abanando com um exemplar de **Careta**.

Sempre puxando a pequena vestida de branco, ela atravessa o corredor entre as filas de cadeiras e sobe a rampa do palco. Chama uma professora, troca algumas palavras com ela, entrega-lhe a menina e desce a rampa. No corredor, enquanto caminha, procura não olhar para os lados, mantendo o rosto suspenso, meio encoberto pelo chapéu de feltro. Só quando chega ao passeio é que respira fundo e se sente relaxar. Mas suas mãos continuam tensas, apertando a bolsa. Permanece indecisa alguns segundos e por fim atravessa a rua de terra, varada de luz e pó.

Circula, com passos lentos, o jardim onde o velho agora dorme arreado no banco. Já não há mais ninguém em frente ao teatro e ela pára sob uma árvore, sentindo-se vazia e deprimida. Encosta-se no tronco, sob um cartaz do **Pó Graseoso de Mendel**, e fecha os olhos.

A sua volta o sábado arde em silêncio e o tempo é um pântano sem fundo. No fim da rua, entre os caibros de casas desmornadas, escorpiões cintilam ao sol, palpitanes de veneno.

Então ela volta a abrir os olhos, escutando.

O tropeiro toca os dois burros que balançam cincerros, batendo com a mão espalmada em seus lombos. Caminham sem pressa, abatidos pelo calor.

Ela levanta um pouco a aba do chapéu e fita-os.

O tropeiro passa e lança-lhe um olhar, mistura de respeito e curiosidade.

Ele é magro, negro e alto. Sua camisa de linho, desabotoada, deixa ver um peito enovelado de músculos, coberto de suor, e um ventre fundo onde os pêlos descem entrançados rumo ao púbis.

Ela o acompanha e passa por ele.

Espera-o na última casa em ruínas.



Helena
1983

Ele não percebe claramente o que está acontecendo, quando volta a passar por ela. Mas ela já está tirando o vestido de seda, trêmula e sem cor, enquanto lhe sussurra **vem cá, tropeiro**. Ele pára, olhando para ela, e os burros também param, abanando moscas com as orelhas. Ela fica nua, apenas de colar, e abre as coxas. O tropeiro, subitamente excitado, desesperadamente excitado, tira a roupa e trepa nela. Fazem amor aos arrancos, cheirando a estrebaria, entre carrapichos, vidros rachados, musgos e moscas. Próximos deles, entre trepadeiras e paredes corroídas pelo tempo, lagartos velhos — enrugados como passas — roem a luz do meio-dia. Ela se sente despencando por abismos escuros e range os dentes. Pede perdão a Deus e logo depois lhe agradece.

Nesse momento a sua filha entra no palco.

Está pálida e transpira.

Quando a diretora inicia uma valsa lenta ao piano, ela fala bem alto e de olhos cerrados — **A Um Carneiro Morto**, de Augusto dos Anjos. E então começa a declamar, abrindo os braços e escandindo os versos, **misericordiosíssimo carneiro esquartejado, a maldição de Pio Décimo caía em teu algóz sombrio e em todo aquele que for seu herdeiro!**; levantando o punhozinho fechado, **maldito seja o mercador vadio que te vender as carnes por dinheiro, pois tua lã aquece o mundo inteiro e guarda as carnes dos que estão com frio!** leva a mão ao pescoço, aperta-o e continua, **quando a faca rangeu no teu pescoço, ao monstro que espremeu teu sangue grosso;** mostrando os olhos com as mãos, **teus olhos, fontes de perdão, perdoaram!** Pausa dramática, conforme a professora ensinara. O piano tremula em oitavas e o público está atento, magnetizado. Ela fita as guirlandas no teto e levanta os braços, **oh! tu que no Perdão eu simbolizo, se fosses Deus, no Dia do Juízo, talvez perdoasses** — e caindo de joelhos, mas sem conseguir chorar, como lhe pedira a professora — **os que te mataram!** Enquanto o público se levanta e aplaude e grita **bravo** e senhoras enxugam olhos úmidos e o piano martela os acordes finais, ela também se levanta e a cortina desce. Está meio assustada com tudo aquilo e gostaria que a sua mãe estivesse ali por perto. Onde está minha mãe, ela pergunta à professora. Ela não demora, meu amor, a

professora responde, acrescentando — você declamou muito bem. **Merci**, ela balbucia educadamente, como a mãe lhe ensinara, indo sentar-se atrás de uma paisagem de papelão. Sente os olhos pesados e dorme.

Acorda com a sua mãe batendo de leve em seu ombro. Todos já tinham ido embora, somente algumas professoras ainda estavam por ali, limpando o palco. Ela pisca os olhos e pergunta à mãe onde ela estivera. A mulher beija-a na boca. Depois ajuda-a a levantar-se, enquanto fala vamos para casa, papai está esperando.

CARTA DE ALFORRIA

Sandra Lyon

O homem chegou na noite de mansinho, como se fosse parte das primeiras sombras. Deslizou pelo oitão da casa, e veio bater à porta da cozinha de Vitorino, que ouviu primeiro passos, depois vozes. Não, ele não identificou aquela criatura magra na escuridão.

— Seu Vitorino, disse o homem.

Foi então que Vitorino fitou aquela cara cabocla, o seu rosto contraiu primeiro e depois se iluminou, abrindo-se num riso largo. Vitorino contornou uma porta e abriu outra, dando passagem ao homem.

— Bons olhos o vejam, amigo.

Abraçaram-se. O homem se acomodou na sala sob a luz baça do lampião, e estava com fome. Na casa de Vitorino a mesa era farta e o feijão sempre dava para todos, mesmo quando a seca estorricava as panelas. Comería sim. E então pegou uma posta de peixe, amontoou pirão em cima dela e comeu.

Através da janela, a cidade estende-se no vale cavado pelo rio, que canta nas pedras, esforçando-se para acompanhar as lembranças: dos frutos das pescarias, do dourado de lombo cinzento, ao surubim de estampa preta, à traíra com fôlego de sete gatos, ao mandi de bigodes dourados, ao bonito listrado de amarelo, ao robalo, à sardinha, à tilápia, ao curimatã de boca miúda de moça. Do peixe escamado, destripado, desespinhado, lavado a limão e água, pronto para cozedura ou fritura, com pimenta do reino, ou pimenta malagueta, cheiro verde, cebola, cebolinha, sal e coentro, amolecido em molho, no pirão de mandioca. A fogo brando.

Vitorino, entendesse, que uma mulher é como sol: tem dias que ilumina, tem dias que arde, queima. E o que aconteceu? Era de se esperar: a mulher esteve na cidade pela primeira vez metida em sedas, pendurada nos brincos, derretendo-se nos perfumes. Pois ela chegou e falou difícil e bonito sobre cidades e estranhos lugares que ninguém nunca tinha visto. Quanta faceirice! Era no rastro dessa mulher que ele queria ir e não em canoas e jangadas sem mastro.

— Seu Vitorino, a gente de vez em quando faz com as mãos o que a gente pede e espera que Deus faça.

— Tem umas idéias que travam as pernas da gente quando entram de supetão, conjecturou o Vitorino.

Zonzeou atrás daquela mulher até que foram morar numa casa de cômodos apertados. Até o dia em que ela desapareceu entre os alecrins. O vento batendo-lhe no rosto, cabelos e saia, o cheiro azul dos alecrins. Seus olhos rolaram pelo despenhadeiro, saltaram a cerca, deslizaram pelo capinzal, saltaram outra cerca, cruzaram uma estrada, e descobriram outros caminhos.

Se olhasse para trás, o que veria? Um cão azedo, seu Vitorino, as ventas espumando de raiva, os dentes arreganhados, prontos para o bote certo.

Chão vermelho, chão estorricado, chão seco, como os rostos dos homens daqui. De tanto castigo, ele já não tinha a mesma pressa de antes. A mulher foi encontrada morta, fria e pálida, cheirando a sebo e mato queimado. O suspeito já estava preso. Quem faz, paga. Faz aqui, paga aqui mesmo, homem.

Não haveria de ser nada, seu Vitorino. Acabara de deixar a prisão hoje. Onde estivera trancafiado por trezentos e sessenta dias. E trezentos e sessenta noites.

ENSAIO

O REGIONALISMO NO UNIVERSO LITERÁRIO DE ABSALOM, ABSALOM! E FOGO MORTO

Maria do Carmo Lanna Figueiredo *

A obra de ficção muitas vezes revela importantes tendências e atitudes de um povo que raramente recebem considerações relevantes em investigações sociais. Neste caso encontram-se as obras de Faulkner e de José Lins do Rego que serão objeto de comparação neste trabalho: **Absalom, Absalom!** e **Fogo Morto**.¹ Por isso, ao relacionarmos os dois livros, procederemos também a uma tentativa de compreensão do espírito que rege a criação de dois mundos romanescos a um tempo diferentes e similares para, através deste estudo, apreendermos melhor o processo literário do regionalismo tal como se manifesta no Sul dos Estados Unidos e no Nordeste brasileiro, na figura de dois de seus mais famosos escritores.

Fred P. Ellison, no capítulo introdutório de seu livro **Brazil's New Novel**,² estabelece o ponto de contato entre as duas regiões que, em épocas diferentes, viram-se diante de uma mesma problemática: a sociedade paternalista e semifeudal, baseada na escravatura e monocultura, que cede relutantemente seu poder a

* Professora de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG

1. William Faulkner, **Absalom, Absalom!** (3rd. printing, New York: Random House, 1936).

José Lins do Rego, **Fogo Morto** (12ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1972).

2. Fred P. Ellison, **Brazil's New Novel — four Northeastern Masters** — (Berkeley & Los Angeles: University of California Press, 1954) p. 11.

um novo tipo de sociedade industrializada e moderna, já em vigor em outras partes dos mesmos países. Esta nova sociedade obriga uma total modificação no contexto das relações sociais e familiares, modificação sugerida pelo novo modelo como o canal de uma maior democratização tanto ao nível do relacionamento social quanto ao nível do individual. A mudança pressupõe um processo de evolução que é benéfico, por outro lado, porém, a distância que se cava entre os dois modelos revela-se intransponível e causa desadaptações alienantes e profundas. A modernização que é o caminho inexorável do país em busca de melhor sobrevivência, faz-nos assistir, no confronto, ao aniquilamento da velha estrutura que tende a desaparecer, apesar de sua relutância em fazê-lo.

Faulkner e José Lins do Rego são escritores que, advindos da «velha sociedade», não fecharam os olhos à sua crueldade e à necessidade de mudança para uma modernização mais humanizante do passado, mas que justamente por terem convivido com o passado, amarem-no e entenderem-no, são capazes de retratá-lo com a extrema fidelidade daqueles que contam a própria experiência.

É fator demasiadamente sabido e mencionado pelos críticos destes autores a sua identificação com o lugar de origem.³ A interpretação telúrica da história nacional, no que ela oferece de específico de cada região, traço característico dos dois escritores em estudo, indica além da constatação da existência de uma moléstia social, o conflito íntimo que esta consideração provoca no escritor que dela se ocupa. Ele é forçado a se debater entre o amor que sente por sua terra e sua gente e a racionalização que se vê obrigado a perpetrar, acusando o próprio objeto de seu afeto. Conflito que se nota em ambos e acha-se claramente mani-

3. Destacam-se as obras de José Aderaldo Castello, **José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo** (São Paulo: Edart Editora, 1961) e de Cleanth Brooks, **William Faulkner: Toward Yoknapatawpha County and Beyond** (New Haven: Yale University Press, 1978), assim como o livro de Elizabeth Ken, **Yoknapatawpha, Faulkner's «Little Postage Stamp of Native Soil»** (New York: Fordham University Press, 1969).

festos nas palavras de Quentin que encerram **Absalom, Absalom!**. Este, ao responder a Shreve que lhe perguntara por que odiava o Sul, afirma:

"I dont hate it! Quentin said quickly, at once, immedaiatly; 'I dont hate it' he thought, painting in the cold air, the iron New England dark; 'I dont. I dont! I dont hate it! I dont hate it!'".⁴

A necessidade de repetir a frase, a rapidez e emoção com que o faz bem caracterizam o conflituoso sentimento que a terra lhe desperta.

Como Faulkner, que criou o Yoknapatawpha County, José Lins do Rego fez nascer de seus livros, classificados como pertencentes ao ciclo da cana-de-açúcar, o nordeste verde do massapê. Em ambos, porém, o profundo enraizamento de suas obras ao solo natal não implica que elas se fixem nos estreitos limites do especificamente regional. As suas personagens são caracterizadas por valores emocionais e existenciais de âmbito bem mais amplo, tendendo ao universal. Seu trabalho resulta antes de uma missão de amor por toda a humanidade, como provam os desvalidos e destituídos que povoam as páginas de seus romances.

Por trazerem até nós os últimos acordes de um mundo fadado à extinção, a decadência passa a ser uma temática de extrema importância na obra dos dois autores. A maneira de focalizá-la, se bem que diferente em Faulkner e José Lins do Rego, traz a nota nostálgica de um profundo sentimento que, abatendo-se sobre as personagens, desperta naqueles que as criaram enorme simpatia. A comunhão de sentimentos entre criador e criatura que transparece nas obras destes autores conduz o leitor a um entendimento mais profundo de toda uma série de intrincadas relações psicológicas exploradas pelos romancistas. Dentre elas, merecem destaque aquelas advindas da falha social a provocar o desajuste entre passado e presente. A infrutífera luta contra o passado que oprime vidas provoca o surgimento de respostas ambíguas e desarticuladas, reflexos de uma desadaptação total

4. Faulkner, op. cit., p. 378.

ao presente, que impede as personagens de frutificar sadiamente e levar a bom termo a produtiva modificação do ambiente opressor. É o que acontece a Quentin Compson, personagem e narrador que, confrontando o passado morto do Sul num tempo em que vai começar sua vida no Norte, vê o Sul posto à sua frente, a barrar-lhe a caminhada, quando se o localizasse, como deveria, atrás de si, poderia alcançar sua realização pessoal.⁵

Em **Fogo Morto** o narrador remete-se, juntamente com suas personagens, ao passado, e, de lá, vivifica-o e faz-nos visualizar passo a passo a dissolução de uma era pretensamente feliz. A decomposição desse passado de prosperidade e paz, mesmo fingido, carrega consigo a nostalgia e explicação da tristeza cósmica que acompanha o nordestino. Nas palavras de Alvaro Lins, **Fogo Morto** é «o romance da tristeza brasileira» onde o esplendor da natureza física determina a alegria, em contraste com a natureza humana, dominada pela tristeza, miséria e doença.⁶

Apesar dessas características patentear-se em quase todos os romances de Faulkner e de José Lins do Rego, usaremos como base de comparação apenas **Absalom, Absalom!** e **Fogo Morto**, justamente pela propriedade com que os dois romances retratam o mundo na prisão de um específico tempo, o passado. A presença avassaladora do passado, nos dois livros, impede àqueles que nele vivem de ajustar-se ao presente e visualizar ou tentar construir o futuro, como se pode constatar pela extensa bibliografia dedicada ao assunto.⁷ Apesar de verificarmos amplamente esta

5. cf. c. Estella Schoenberg, **Old Tales and Talking**, Quentin Compson in William Faulkner's **Absalom, Absalom!** and Related Works (Jackson: University Press of Mississippi, 1977), p. 98.

6. Alvaro Lins, **José Lins do Rego** (Rio de Janeiro: Os Cadernos de Cultura, Serviço de Documentação do MEC, 1952), p. 18.

7. Por exemplo:

a) J. Guilherme de Aragão, «Espaço e Tempo em José Lins do Rego» in **Fronteiras da Criação** (Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1959).

b) Fausto Cunha, «Relações do Tempo em **Fogo Morto**», **Folha da Manhã** (São Paulo; 7 dez. 1957) e **Correio da Manhã** (Rio: 3 nov. 1968).

c) Clean Brooks, «Man, Time and Eternity», **William Faulkner: The Yoknapatawpha County** (New Haven: Yale University Press, 1963).

hipótese pelos livros, não será ela objeto de menção especial no decorrer do trabalho, a não ser quando isso se faça necessário à elaboração de outros aspectos a serem estudados. Entretanto, sentimos a importância de destacar tal aspecto dos romances porque, através dele, fica claro o que se situou anteriormente como o tipo especial de regionalismo, criado por Faulkner e José Lins do Rego. Para nosso estudo, interessa-nos o paralelo passado-presente como evidência de que, em qualquer época em que a situação se repita, o mesmo drama poderá aparecer — o que aumenta a validade das estórias narradas, assim como explica a sua permanência através dos anos.

Será objeto de maior destaque nessa comparação, a incapacidade de ajustamento à realidade presente, o espelho da decadência que se revela, sob diversas modalidades, nas personagens criadas pelos dois romancistas: seres profundamente humanos e comoventes, enquanto representantes de uma região e de uma era já ultrapassada. Ao focalizarem esta realidade, Faulkner e José Lins do Rego preocupam-se em desvendar-nos tanto a tragédia cósmica do homem atado a forças estranhas a ele, quanto a luta do homem contra o homem e contra si mesmo, num processo gradativo de aniquilamento. Erigem-se em exemplo vivo dessa situação o coronel Lula, Miss Rosa Coldfield, Henry Sutpen, o mestre José Amaro, se quisermos lembrar os mais típicos.

O drama social e pessoal que atinge as personagens dos dois livros tem suas raízes no ambiente próprio de toda uma região do qual participam também milhares de pessoas, engolfadas por sistemas de produção ultrapassados que serão a causa de uma decadência irremediável em todos os níveis, como o provam a vastíssima sessão da nossa sociedade contemporânea. Este é um caso em que ficção e realidade caminham passo a passo e, ao analisar livros com as características destes, não podemos isolar o seu valor de documento.

Lembrando as palavras finais de **Fogo Morto**:

Agora viam o bueiro do Santa Fé. Um galho de jitirana subia por ele. Flores azuis cobriam-lhe a boca suja.

- E o Santa Fé quando bota, Passarinho?
- Capitão, não bota mais, está de fogo morto.⁸

Vemos que aí se concentram os índices de uma estrutura sócio-econômica em degradação, ou melhor dizendo, de uma infra-estrutura que a ficção de José Lins do Rego reduplica, no seu processo de transformação.

As personagens Passarinho e Vitorino Papa-Rabo que aparecem no trecho são elementos rebelados na estrutura anacrônica dos latifúndios. Sua rebeldia, porém, revela-se impotente porque é assimilada pela própria estrutura que não se modifica por causa dela. Uma verdadeira rebeldia viria de fora. Note-se que a bebida de Passarinho e o desafio político de Capitão Vitorino podem ser considerados vícios, gerados pelo sistema em decadência e não rebeldia. Ambos, apesar de serem os mais aptos a atingir e a deixarem-se atingir pelo drama humano, acham-se desumanizados desde os próprios nomes e no isolamento em que se acham colocados por lhes faltar o sentido real de comunhão com a terra e com as pessoas. Ao se unirem somente por ocasião da morte do mestre José Amaro, indicam o quanto se distanciam da solidariedade de classe ou de seres despojados que têm possibilidade de enfrentar, pela luta, a própria realidade.

Analisando a realidade apresentada pelo trecho, percebemos também que o «galho de jitirana» e as «Flores azuis» remetem-nos ao parasitismo e à miséria ocultada, em contraste com o sintagma «boca suja». Não há consciência da realidade por parte das duas personagens. O capitão ainda indaga sobre uma possível recuperação do engenho «—... quando bota?...». Visionário, jamais chegará a ultrapassar os limites da realidade que repudia, pois utiliza elementos desta mesma realidade para combatê-la. Já para Passarinho, o elemento «fogo» é o único que revela a decadência que ele não penetra, por perceber apenas a ausência de ação e não de actantes. A indagação de Vitorino, a nível do discurso, revela a incerteza-sonho-certeza, mascarada pela junção do advérbio «quando» ao presente do indicativo, que indica

8. José Lins do Rego, op. cit., p. 290.

possibilidade. A pergunta, entretanto, prescinde de resposta e é quase adivinhação, uma vez que o Capitão jamais respeitou o negro Passarinho. Este, por sua resposta, enunciada pelo presente «está», indica a sua total inconsciência da decadência, da personagem. Só a nível do narrador é que a resposta do negro sugere a consciência da degradação.

Em **Absalom, Absalom!**, a consciência da degradação manifesta-se através de Quentin, quando se impregna da decadência ao comentar sobre o fim de Sutpen Hundred: «I am older at twenty than a lot of people who have died».⁹ Sutpen Hundred pode ser considerado como metonímia de uma época e modo de vida já findos. Sua decadência e o significado dela, como são sentidos e narrados por Quentin, evocam toda a força destrutiva do passado no presente e ampliam as conseqüências dos males gerados pela sociedade em questão. O velho Sul acabou, mas ainda permanece na alma de cada sulino que lhe sobrevive e essa permanência é perniciosa porque impede a criação e desenvolvimento de nova vida. Diferentemente das personagens de **Fogo Morto**, que vivem a decadência a um nível inconscientizado ou tentam escondê-la, Quentin tem a plena consciência dela e isso, apesar de fazê-lo sofrer profundamente, não o impede de analisá-la. Comparam-se, porém, a Passarinho e Vitorino, Clytie e Henry Sutpen, não só pelo grau de desumanização a que se vêem reduzidos, como por, concretamente, perecerem no próprio lugar que a narrativa determina como palco por excelência da trágica decaída do Sul. Jim Bond, por suas próprias características, «the scion, the last of his race», é incapaz de perceber o que o rodeia e, neste sentido, equipara-se também às personagens de **Fogo Morto**.

Pelo tratamento diferente que conferem ao tema da decadência, **Fogo Morto** e **Absalom, Absalom!** levam-nos a pesquisar a sua estrutura, em busca da justificativa para este fato.

Como se sabe, **Fogo Morto** é um romance construído em três partes, respectivamente com oito capítulos, a Primeira Parte: O Mestre José Amaro; seis capítulos, a Segunda Parte: O Engenho do Seu Lula; e sete capítulos, a Terceira Parte: O Capitão Vitorino.

9. Faulkner, op. cit., p. 377.

Estas três estórias e suas personagens são independentes, mas acham-se reunidas pela vida comum no engenho Santa Fé e pela ação do capitão Vitorino, que tem trânsito livre nos três ambientes. A estrada aparece como o tronco que atravessa o livro como um fio condutor da narrativa, ligando as três partes num todo harmonioso. Por ela passam todas as personagens da estória e, à sua margem, localiza-se a tenda do mestre José Amaro, a lente focalizadora das vidas que se vão desenrolar aos olhos do leitor, através do romance. Interessante para comprovar esta hipótese é o fato de o cangaceiro Antônio Silvino transitar em ambos os lados da estrada, mas não no meio dela. Este detalhe é importante porque sugere o cangaceiro como não pertencente ao mundo retratado pelo romance — não usar a estrada pode ser tomado como o não ter lugar — e manifesta, assim, de modo mais convincente, as novas formas de desafio que vão surgindo, também motivadas pelos mesmos erros da estrutura social, mas que a narrativa confere um valor mais eficaz e positivo de delação do sistema.¹⁰

A narrativa de **Fogo Morto** é feita em terceira pessoa, por um narrador onisciente que se coloca numa posição de estreito relacionamento com as personagens, revelando-lhes o caráter, sofrendo com elas. Esse narrador, na maioria das vezes, assume o ponto de vista das personagens narradas, permitindo-nos dizer que cada uma se expressa segundo uma condição, um humor, bem marcado por matizes diferenciais: sexo, idade, cultura, temperamento. Isso comunica uma **pluralidade de tons** — as várias vozes — ao quadro pintado pelo narrador e ajuda a criar personagens caracterizadas por um rasgo moral ou físico predominante, conferindo-lhes inconfundível fisionomia. O apelo à oralidade, característica da narrativa de José Lins do Rego, também ajuda a criar o clima de verossimilhança e emoção que perpassa por todo o romance. Podemos relacionar o narrador de **Fogo Morto**

10. cf. c. Rui Facó, **Cangaceiros e Fanáticos** (Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira SA, 1963) p. 46. «O surgimento e o incremento do cangaço é a primeira réplica à ruína e decadência do latifúndio semifeudal, de que também é resultante».

com o definido por Pouillon como aquele que tem a visão **com** as personagens.¹¹

A nitidez da presença do narrador, porém, aparece através de adjetivos e informações que caracterizam avaliativamente personagens e situações. Na verdade, a visão **com** não se confunde com a visão **das** personagens e ratifica a pluralidade de tons, não das vozes que se fazem ouvir no romance.

Notam-se claramente no texto que se segue as características apontadas na narrativa de **Fogo Morto**:

A figura de Seu Lula continuava como de homem marcado pelo demônio. Viam a piedade, a cara de tristeza, a cabeça baixa do senhor de engenho, quando se levantava para a mesa da comunhão. Tudo não passava de artimanha, de solércia, de hipocrisia. Lá dentro de seu coração estava a peçonha venenosa, o ódio contra todos os homens.¹²

A caracterização avaliativa das personagens e situações, tal como aparece em **Fogo Morto**, não se elabora, porém, no mesmo nível da narrativa de **Absalom, Absalom!**, bem mais trabalhada e renovadora. **Absalom, Absalom!**, sob o ponto de vista da narrativa, é a estória acerca do processo de ouvir, desenvolver e contar estórias. Quentin e Shreve ouvem a estória de Thomas Sutpen, intercalam-na com comentários, interpretações e mesmo acrescentam-na de episódios, que é a sua maneira de recontá-la a nós, leitores. Seu principal narrador, Quentin, recebe a colaboração de vários outros narradores: Thomas Sutpen, Ellen Sutpen, Rosa Coldfield, Judith Sutpen, Charles Bon, três gerações de Compsons, Shreve e o próprio leitor é convidado a resolver enigmas e a preencher lacunas. A única personagem que não narra, no livro, é Henry Sutpen. Todas estas narrativas se fazem oralmente, à exceção de duas cartas: a de Charles Bon para Judith e a de Mr.

11. cf. c. Jean Pouillon, **O Tempo no Romance** (São Paulo: Cultrix, 1974) p. 54.

M. Goyanes Baquero, **Estructuras de la Novela Actual** (Barcelona: Editorial Planeta SA, 1970) p. 160.

12. José Lins do Rego, op. cit., p. 157.

Compson para Quentin. Razão essa que leva **Absalom, Absalom!** a revelar não só a pluralidade de tons que aparece em **Fogo Morto**, como uma pluralidade de vozes que é a estória contada por vários narradores. Isso demonstra um maior questionamento do processo da ficção, ao mesmo tempo em que sugere a impossibilidade de se reconstruir plenamente a estória: há certos dados no romance que permanecem inexplicáveis. Neste sentido, a estrutura do romance funciona também como a criação de um romance, de uma estória.¹³

A maneira como se organizam o passado e os eventos em **Absalom, Absalom!** faz-se de acordo com uma criação evocativa que é a descoberta das coisas e pessoas no passado, através de uma narrativa oral. Isso implica o abandono do tempo cronológico, permitindo ao leitor tomar parte ativa na ordenação da obra literária. Com perfeito controle dos dois fios narrativos: Miss Rosa, Quentin e Shreve — respectivamente a memória e o presente ficcional —, o livro estabelece um «tempo interno» que pode ser considerado um de seus mais elaborados processos narrativos. Através desse «tempo interno», o romance enfatiza o sentimento de solidão das personagens que são evocadas em quadros isolados, como se fossem quebradas. Tal processo evocativo acha-se em perfeita harmonia com a caracterização das personagens e chama a atenção para o poder sugestivo da estrutura que, por si própria, revela o conceito de isolamento espiritual das personagens e do mundo evocado: a decadência. Por esse seu aspecto especial, **Absalom, Absalom!** funciona como uma microficção dentro da macroficção de Yoknapatawpha County.

O estudo, embora um tanto superficial, de aspectos das estruturas dos dois romances, leva-nos a perceber que a maior elaboração técnica de **Absalom, Absalom!** abona suas considerações mais específicas sobre a decadência. Comparado a **Fogo Morto**, revela-se um trabalho literário mais acabado e um instrumento de maior poder de delação social.

13. cf. c. Estella Schoenberg, op. cit., que nos capítulos I e II analisa em profundidade o assunto.

Apesar das relevantes diferenças estruturais, relativamente à temática, os dois romances acham-se bem próximos. Neles, a decadência aparece como um caminho de gradual desencanto e desilusão dos que sonham com o progresso e prosperidade para a própria família e que, não o conseguindo, passam a temer a ligação afetiva com objetos e pessoas. O capitão Tomás, Mr. Coldfield e outros exemplificam esta situação.

O desencanto com a realização social é acompanhado por um enorme sentimento de solidão que caracteriza a separação do ideal e da possibilidade de concretizá-lo.¹⁴ Em **Absalom, Absalom!**, vimos como a própria estrutura do romance nos conduz a esta conclusão. Em **Fogo Morto**, as personagens José Amaro e Lula mostram-nos a impossibilidade de evasão ao sistema, da reestruturação de velhos valores. No coronel Lula e no mestre José Amaro há a mesma incapacidade de reformular as suas vidas. Mais que violência, a revolta de José Amaro é a marca de sua impotência. Podemos observar que, à medida que sua revolta aumenta, José Amaro vai-se «transfigurando em lobisomem» — um ser temido e repellido por seus companheiros de miséria e sorte. Sabendo-se sem coragem, o seu gritar nada mais é que o reconhecimento da não-ressonância de seu dizer, da impossibilidade de se articular e articular uma forma de expressão. A página 85 lemos: «Porque não tivera filhos, porque não fora como seu pai, capaz de matar, de ser um homem de coragem, de espírito pronto...».¹⁵ Sobre a família indefesa descarrega a sua cólera: Sinhá é a culpada de todas as desgraças de seu machismo aviltado, que Marta lembra a cada instante, o que faz crescer seu sentimento de opressão, transferido brutalmente para ou contra elas. Semelhante situação vamos encontrar em **Absalom, Absalom!**, quando Sutpen propõe uma ligação a Rosa a fim de darem um herdeiro a Sutpen Hundred e, depois, ao matar a filha que tivera com Milly Jones.

14. Encontra-se suporte teórico a essas idéias nos livros de Wilhelm Reich, **The Mass Psychology of Fascism** (New York: Farrar, Straus & Giroux, 1970) e de Erich Fromm, **O Medo à Liberdade** (Rio de Janeiro: Zahar Editoras, s.d.).

15. José Lins do Rego, op. cit., p. 85.

O que fica patente por estes episódios é que o indivíduo economicamente impotente e individualmente subserviente não é capaz de criar uma auto-imagem positiva e então resvala, inevitavelmente, para o fracasso e a morte. A tensão reprimida se apresenta como violência nos atos cruéis e no discurso das personagens frustradas. Neste caso, a morte do seleiro é bastante significativa porque, matando-se, ele se dá, paradoxalmente, o direito de governar a própria vida. Já o coronel Lula, entregando-se a desvarios místicos, penetra num mundo de total submissão e alienação, como Sutpen ao entregar-se à violência desregrada. Enquanto que o suicídio de José Amaro é a aceitação da própria fraqueza e inaptidão para a luta, a religiosidade de Lula mostra a tentativa de sublimação do próprio fracasso, que é, na violência de Sutpen, o espelho da crueldade de um mundo erigido sobre castas, onde não há lugar para os mais fracos ou para aqueles que a ele não pertencem por nascimento.

Percebe-se, portanto, na atitude das três personagens, que no processo da decadência a que estão submetidas, não há evasão praticável dentro dos caminhos da normalidade. Este absurdo, o sinal da desestruturação total do sistema, vem-nos caracterizado, em **Fogo Morto**, através da monumental figura de Vitorino. Vitorino encontrou forças para afrontar o mundo que o tornara alienado, marginalizado. Evadindo-se pela loucura, não aceitou a loucura senão como instrumento de luta. É um caso em que a evasão se torna **acusação**, num processo dialético. Ele transforma-se no porta-voz da loucura de todas as personagens «normais» que, entretanto, não o compreendem. Alienado, é o acusador da alienação dos outros. Clytie, personagem de **Absalom, Absalom!**, desempenha, neste particular, a mesma função de Vitorino, quando atea fogo a Sutpen Hundred com a ajuda do idiota, herdeiro da propriedade. Queimar a fazenda é também um ato de acusação contra todos que a construíram e, indiretamente, a fizeram construir. É eliminar, num ato de loucura, a loucura de toda uma sociedade que se acha escondida sob uma fachada de beleza e magnificência, que oculta a extrema crueldade de um sistema corroído pela corrupção e violência.

Finalmente, o silêncio a que são reduzidas as personagens que personificam verdades sociais e históricas — José Amaro e Lula em **Fogo Morto** — e — Henry Sutpen e Charles Bon em **Absalom, Absalom!** — mostra o fim de um mundo em que novas formas de manifestação vão surgindo, como, por exemplo, o desafio dos cangaceiros, já mencionado anteriormente e o assassinato de Thomas Sutpen por Wash Jones.

Escrevendo sobre a decadência de sua região natal, Faulkner e José Lins do Rego evidenciam não só os aspectos sociais da questão: a decadência como um resultado inevitável de meios de produção retrógrados. Também se preocupam em retratar seu aspecto humano e psicológico: a tensão entre as aspirações pessoais e a realidade, impossível de ser solucionada, a provocar um desencanto total que impede o renascer produtivo do mundo do engenho ou da velha propriedade latifundiária.

Nos dois livros, nota-se a habilidade dos autores em criar personagens e segmentos da população, a ponto de podermos considerar que o Nordeste brasileiro e o Sul dos Estados Unidos são uma de suas mais importantes personagens. Ambos, porém, como se evidenciou anteriormente, conseguem transcender a tipificação, ao criarem indivíduos reais e verossímeis. As personagens de Faulkner e José Lins do Rego, como já foi mencionado, são os perdedores e solitários, os ansiosos que nunca realmente estabeleceram uma comunicação ativa com os outros ou entraram na principal via da vida. Temos a indicar esta hipótese a sexualidade dessas personagens, quase sempre doentia e/ou massacrada.

As criaturas que povoam o mundo de **Absalom, Absalom!** e **Fogo Morto** são figuras trágicas que se acham em estado de angústia e insanidade, isolamento e solidão, como a indicar que a busca que realizaram não foi preenchida. Com isso confere-se-lhes o poder de forçar o leitor a se identificar com elas e aí reside sua universalidade e grandeza. A inabilidade do homem em se comunicar com os outros ilustra para nós a morte da alma, dando-nos uma idéia de como os autores se preocupam em descobrir a alma de seu povo — a identidade pessoal indispensável para a identidade nacional que conduz ao pensamento universal. Não apresentando soluções positivas para a situação retratada, denunciam

com maior ênfase as organizações sociais causadoras do mal. Por isso, o destino das personagens acha-se intimamente identificado com o duro mundo físico de fora que reforça a caracterização do mundo interno das personagens, num processo de interdependência, como acontece na obra de todo escritor regionalista.

Como se sabe, os escritores regionalistas distinguem-se pela importância que a terra e o processo social assumem em sua ficção. O binômio homem-ambiente condensa a trama romanesca que se desenvolve, geralmente, em interdependência. As personagens acham-se intimamente ligadas ao meio, quase como produtos de uma sociedade latifundiária injusta, que as minimiza e faz o contorno de uma problemática social que é, ao mesmo tempo, a geradora de sua problemática individual.¹⁶

Na elaboração romanesca dos autores estudados, o local assim se organiza e crescem a isso a dependência direta de outros fatores que se sobrepõem a ele. O homem, gerado e criado aí, pertence muito mais à essência do COSMOS, considerado em sua totalidade, e realiza com ele uma dialética própria. Por isso procuramos estudar os aspectos que nos permitissem armar uma leitura que esclarecesse o que os distingue em seu tratamento do regional.

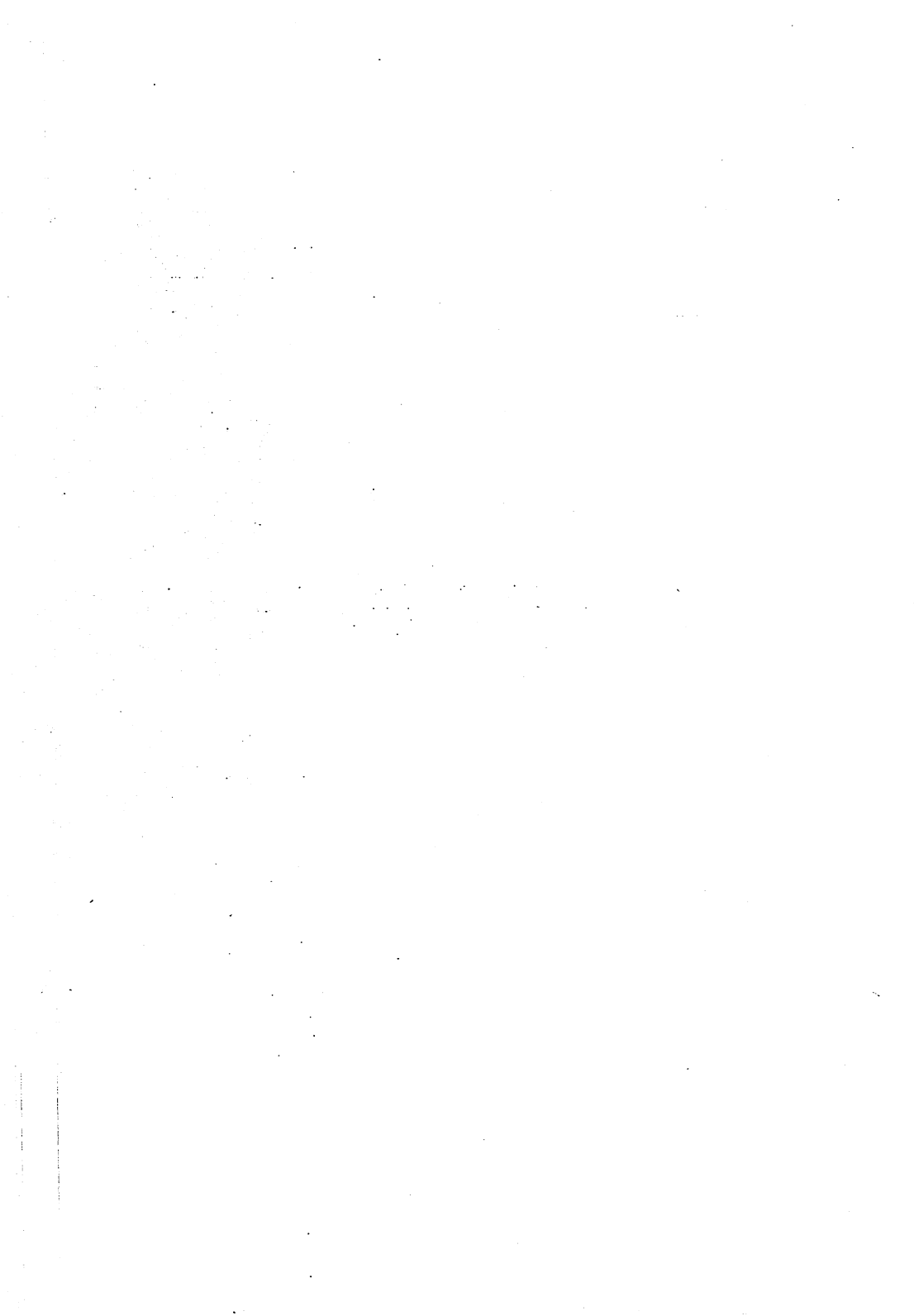
José Lins do Rego se aproxima indiscutivelmente mais do sentido que caracteriza o autor regionalista «stricto senso», podendo-se considerar **Fogo Morto** como um coadjuvante da enenação variada e múltipla que faz do Nordeste brasileiro seu palco de ação. Faulkner afasta-se mais dessa definição porque a região Sul dos Estados Unidos, por ele retratada, caracteriza-se, também, como um cenário mítico, interior e ambivalente, verdadeira metáfora existencial, mais próxima, neste sentido, à criação ficcional de Adonias Filho na literatura brasileira. Por seu projeto criativo peculiar, torna-se um inovador da sintaxe do regional e do romance, experimentando técnicas narrativas que concretizam sua maior preocupação com o fazer literário.

16. cf. c. Alfredo Bosi, **História Concisa da Literatura Brasileira** (São Paulo: Cultrix, 1968).

RL

revista literária

RESENHA



CONCURSO DE CONTOS E DE POEMAS

O 17º Concurso de Contos e de Poemas da Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais recebeu um total de 599 trabalhos, sendo 18 conjuntos de contos — no total de 54 contos — e 109 conjuntos de poemas — no total de 545 poemas.

Os trabalhos foram enviados por 123 alunos das unidades universitárias e colegiais da Universidade Federal de Minas Gerais, assim distribuídos: 41 da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (15 de Filosofia, 12 de Comunicação Social, 7 de Psicologia, 4 de Ciências Sociais e 3 de História); 24 da Faculdade de Letras; 20 da Faculdade de Medicina; 9 da Faculdade de Direito e do Instituto de Ciências Exatas (3 de Matemática e 2 de Química, Engenharia Mecânica e Ciência da Computação); 4 da Escola de Música e da Faculdade de Ciências Econômicas (2 de Economia e de Ciências Contábeis); 3 da Escola de Engenharia (2 de Elétrica e 1 de Civil); 2 da Faculdade de Educação, da Faculdade de Odontologia, da Escola de Belas Artes e da Escola de Educação Física; 1 da Escola de Biblioteconomia, da Escola de Arquitetura e do Colégio Técnico. Por imposições regulamentares, foram devolvidos dois conjuntos de contos e de poemas, já que seus autores não são alunos da UFMG.

Em dezessete concursos, a estatística da RL está assim:

ESTATISTICA RL				
ANOS	ESTUDANTES	TRABALHOS RECEBIDOS		
		CONTOS	POEMAS	TOTAL
1966	61	18	146	164
1967	102	57	198	255
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	352
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	238	382
1974	269	172	478	650
1975	92	96	230	326
1976	76	57	275	332
1977	140	108	515	623
1978	77	54	295	349
1979	123	90	560	650
1980	185	159	720	879
1981	126	84	530	614
1982	123	54	545	599
TOTAL	2.129	1.524	5.835	7.359

Os trabalhos recebidos e não classificados já foram devolvidos (uma via) aos seus autores.

A relação dos 599 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte:

CONTOS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01 —	Informações Astronômicas Para Magda, e Nós Relato de um Sobrevivente	Onça Pintada Onça Pintada Onça Pintada - 3º lugar
02 —	O Deus da Noite Testemunho Caçador	Fox di Insbruck Fox di Insbruck Fox di Insbruck
03 —	Solaris Reptatio Rubricatus	Agapanto Agapanto Agapanto
04 —	A Figura do Almanaque Major Procopão O Vaqueirinho Feliz	Gwynplaine Gwynplaine - M. Honrosa Gwynplaine
05 —	Os Passos de Igor Parente O Homem do Delfrio Trêmulo O Cântico do Sol	Hermes Hermes Hermes
06 —	Do Calor das Camélias Lugar aos Bichos Os Penachos	Acinetobacter Acinetobacter Acinetobacter
07 —	Dia de Aniversário A Descoberta Nosso Tempo, Tempo Nosso	Estrela Vespertina Estrela Vespertina Estrela Vespertina
08 —	Agradecer os Esteios Tá na Hora, X... Para Quem Eu Queria...	Nuvem Nuvem Nuvem
09 —	Quando Deus Dá o... Festa na Favela... Uma Estória Sem...	Virgílio Virgílio Virgílio
10 —	A maçã e a Rosa O Floromaníaco O Tesouro de...	Sputinik Sputinik Sputinik - M. Honrosa
11 —	Uma Trágica Mudança Crianças Sem Educação O Desespero Mandou...	Ticho-Brahe Ticho-Brahe Ticho-Brahe
12 —	Não, Nada Disso Momento Atonal Eros e Tanatos	Pingo Pingo Pingo

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
13	— Os Filhos Quando Meu Pai... A Caçada	Abadon - M. Honrosa Abadon Abadon
14	— Pequeno Retrato... O Fantasma do... A Grande Festa	Lato Lato Lato
15	— A Confraria O Sujeito Prisões	Ícaro - 2º lugar Ícaro Ícaro
16	— Desdobramento Experiência com o Verde A Delicadeza do Amor	Midríase Midríase Midríase - 1º lugar
17	— As Pernas Cabeludas... Carta Vênus	Liquidificador Liquidificador Liquidificador
18	— O Desejo de Toda... Porque as Mulheres... A História de Um Poeta...	João Além João Além João Além

POEMAS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01 —	O Sabão Sejo Belo Horizonte Tempos do Meu Tempo Sabíá	Lu' Enchente Lu' Enchente Lu' Enchente Lu' Enchente Lu' Enchente
02 —	Desejo/Devaneio Método Pintura 2 Amadurecência Começo do Amor	Aprendiz de... Aprendiz de... Aprendiz de... Aprendiz de... Aprendiz de...
03 —	Eu Agregando Emoções Espera Procura A Magia das Suas Mãos	Luz Luz Luz Luz Luz
04 —	Erotiquinho Os Amantes Desentoados Penélope e Suas Filhas Estilo Pedante Ladaíinha	Renata Renata Renata Renata Renata
05 —	Crepuscular Trilha Canção de Acordar Sutil-Mente Confiante Indizível Alegria	Amadai Amadai Amadai Amadai Amadai
06 —	Pique Ar. 1 S. A. Tempo Mui Amigo	Soferdinand Soferdinand Soferdinand Soferdinand Soferdinand
07 —	Água Terra Fogo Ar Verbo	Chica da Silva - 1º lugar Chica da Silva Chica da Silva Chica da Silva Chica da Silva

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
08	— Albinomi Lia Tirésias Anatomia de Um Sentimento Momento	Vigário Vigário Vigário Vigário Vigário
09	— Aurora Cinzas Rastro O Canto da Morte Grito	Santo Santo Santo Santo Santo
10	— Espectros Ponte Aérea Juízo Final Possibilidades do Relógio Da Criação	Eufrásia Eufrásia Eufrásia Eufrásia Eufrásia
11	— Espera em Três Atos... Aparecida Na Conjunção de Marte Germinar Adágio em Lá Menor	Dudu Dudu Dudu Dudu Dudu
12	— Inês, Helena Identidade Aurora Sapo/Boi Carro de Boi	Dedé Dedé Dedé Dedé Dedé
13	— O Presépio de Pipiripau Realmente, Sou Espetáculo Público Menina-Moça Três e Três	Mariazinha... Mariazinha... Mariazinha... Mariazinha... Mariazinha...
14	— Me disseram... Hoje Te Digo... Encontrar Lição Matinal... Adolescência	Canhoto Canhoto Canhoto Canhoto Canhoto
15	— Momento de Lucidez A Idade da Razão Super-Homem e Bicho Horóscopo Bailarina	Bento Peixoto Bento Peixoto Bento Peixoto Bento Peixoto Bento Peixoto

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
16 —	Ceia Consolo nas Águas Gravador O Sonho de um Artista O Patriarca	Pietro Pietro Pietro Pietro Pietro
17 —	Das Coisas Perdão das Injúrias Velho Tema Reencontro O Menino e a Flor	Ikhnáton - 3º lugar Ikhnáton Ikhnáton Ikhnáton Ikhnáton
18 —	Ponto de Ônibus Viagem pelos Rios... Os Papéis da Rua Caetés O Elevador 7º Andar	Mercúrio Mercúrio Mercúrio Mercúrio Mercúrio
19 —	Louco Para Passar Pensamento Beija-Flor Declarante Delfrio	Castal Castal Castal Castal Castal
20 —	Amor e Desamor Belo Horizonte Um Pouco do Sozinho Os Pintos à sua Obra A Hora do Amor	Oliveira Oliveira Oliveira Oliveira Oliveira
21 —	O Fim Cores Mutações O Óbvio Superstar	Maria Poti Maria Poti Maria Poti Maria Poti Maria Poti
22 —	Sonhos de Liberdade Sementes Distâncias do Mar Noturno Estas Tardes	Renan Label Renan Label Renan Label Renan Label Renan Label
23 —	Mistérios... Desfecho Falsa Felicidade... Ipê Amarelo Devaneio	Albert... Albert... Albert... Albert... Albert...

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
24	— Filme Moderno	Maria dos Prazeres
	Partido Feminista	Maria dos Prazeres
	Aves de Rapina...	Maria dos Prazeres
	Tilt XXI	Maria dos Prazeres
	Amor Gostoso	Maria dos Prazeres
25	— Abismo das Facetas	Godes Pessoa
	Amor Cavalari	Godes Pessoa
	A Vida em Flores	Godes Pessoa
	Lavagem Cerebral	Godes Pessoa
	Paz	Godes Pessoa
26	— Simples	El Bodun
	Arremate	El Bodun
	Pela Janela	El Bodun
	Inadimissível Mundo Novo	El Bodun
	Aldeia Normal	El Bodun
27	— Estrela Cadente	Kalba
	Desprender	Kalba
	Canto-Santo...	Kalba
	Voz-Moça	Kalba
	Menina	Kalba
28	— O Espetáculo não Pode...	Mick
	Mãos de Homens	Mick
	Passado	Mick
	Motivo	Mick
	Balada ao Filho...	Mick
29	— Diário	Zepherina Moré
	Noturno	Zepherina Moré
	Doce Minas	Zepherina Moré
	Provisório	Zepherina Moré
	Primavera	Zepherina Moré
30	— Aprender	Sérgei de Zeller
	Hoje eu Queria	Sérgei de Zeller
	Destino	Sérgei de Zeller
	Frota para as Estrelas	Sérgei de Zeller
	O Sol	Sérgei de Zeller
31	— Na Calada da Noite	Luamar
	Tentando Arranhar o Céu	Luamar
	Não no Princípio	Luamar
	Ciclo	Luamar
	Mendigo	Luamar

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
32	— Fim de Semana... Doce Nostalgia Despertar Parei e olhei... De Repente...	Majô Majô Majô Majô Majô
33	— Espelho, Limite... Pais BH, Eleições 82 Diamantina Minha História	Pingo Pingo Pingo Pingo Pingo
34	— Tribunal Lição de Casa Tempo de Escola Future Maman Poema da Colonização	Antônio Maranhão - M. H. Antônio Maranhão Antônio Maranhão Antônio Maranhão Antônio Maranhão
35	— Sublevar Mandrake-Amor Compromisso Social Mancha no Corpo No Descompasso	Tonho-Tonha Tonho-Tonha Tonho-Tonha Tonho-Tonha Tonho-Tonha
36	— Ventre da Terra Dona Diola Terra Filha Restos Timoneiro	Matti Matti Matti Matti Matti - M. Honrosa
37	— Memória Poema Acrobacia Elaboração da Cerâmica Poema Confinado	Prometeu Prometeu Prometeu Prometeu Prometeu
38	— Solitário Passageiro Alguém Paixão Solidão Triste Horizonte	Leo Martin Leo Martin Leo Martin Leo Martin Leo Martin
39	— A História em Pedra Rubrica da Sociedade... Por S, Com S, Em S Contra-Movimento Derrota Egocêntrica	Val Val Va' Va' Val

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
40	— O Questão Passada GH Velocidade Controlada Diário do Homem Ausência	Marcello Marcello Marcello Marcello Marcello
41	— Aos Poetas O Pálido e Escuro... No Quarto de... Onde Estamos? Fui Visitar a...	Donato Donato Donato Donato Donato
42	— Classificados A Praça da Liberdade Questões Agonia Risco	Papagaio Papagaio Papagaio Papagaio Papagaio
43	— Peixes Alibi Belo Solo Dora	Flecha de Prata Flecha de Prata Flecha de Prata Flecha de Prata Flecha de Prata
44	— Hemisfério Cinema Mulher Reflexo Medida	De Cássia De Cássia De Cássia De Cássia De Cássia
45	— Visões de Uma Cidade Delírios de Um Náufrago Lembranças Reflexões Serenas Opus	Agnus Pessoa Agnus Pessoa Agnus Pessoa Agnus Pessoa Agnus Pessoa
46	— A Queda Repetição Destino Harmonia Pureza	Brisa Brisa Brisa Brisa Brisa
47	— Pássaro Palavras Os Três Teoremas... Mito Coração Criminoso	Cal Cal Cal Cal Cal

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
48	— Poema das Mãos O Teu Poeta Alea Mea Perambulância Ânsia de Amar	Awa Tess Awa Tess Awa Tess Awa Tess Awa Tess
49	— A Ilha Grito Entre Nós Dois Luz Acesa Cidade	Bimbri Bimbri Bimbri Bimbri Bimbri
50	— Rotina Quebra-Cabeças Escola Encanto Advento	Alma Alma Alma Alma Alma
51	— Rebusca Plenitude São Paulo, 1982 De Passagem Terceiro Tempo	Riobaldo Riobaldo Riobaldo Riobaldo Riobaldo
52	— O Cabo de Aço Contradição O Amor O Beijo O Diagnóstico Perfeito	Rebocage Rebocage Rebocage Rebocage Rebocage
53	— Desacato Prece à Ação Maresia Cotidiano Arsenal	Jassmim Jassmim Jassmim Jassmim Jassmim
54	— Rádio de Seis Faixas Naquela Influência... Fuligem Consenso com Deus... Reunião às 5...	Chico Chico Chico Chico Chico
55	— Naturalmente Treno Amar É Vontade Pena que o Dia...	Bill Bill Bill Bill Bill

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
56 —	Assim Tão...	Alèthia
	Devaneio	Alèthia
	Pedro, Pablo, Vicent	Alèthia
	Êxtase	Alèthia
	Prece	Alèthia
57 —	O Silêncio	Mineiro
	Desejo	Mineiro
	A Forma	Mineiro
	A Esperança	Mineiro
	Sobre Che Guevara	Mineiro
58 —	Itinerário	Lúdico
	Gangrena e Gula	Lúdico
	Conjugal	Lúdico
	Primitivo	Lúdico
	Resumo dos Capítulos...	Lúdico
59 —	Lua Dimel	Nemiãs... - M. Honrosa
	Tragédia Suburbana	Nemiãs...
	Comunhão	Nemiãs...
	Testamento	Nemiãs...
	Duas Cidades	Nemiãs...
60 —	De Pirraça Não...	Humana
	Lição de Vida...	Humana
	Nosso Amor Jovem	Humana
	Branquinho e Esfingético	Humana
	Tchin!	Humana
61 —	Lírico	Isadora
	Parnasiano	Isadora
	Conversa com Teresa	Isadora
	Cidade	Isadora
	Fuga	Isadora
62 —	Horror Sim...	Montanha Azul
	Bêbados Intelectuais...	Montanha Azul
	Não Pensem...	Montanha Azul
	...É Claro...	Montanha Azul
	Duas ou 3 Coisas...	Montanha Azul
63 —	Canção Para Você	Carlota...
	Paralelo Com A	Carlota...
	Pensamento	Carlota...
	Dúvida	Carlota...
	Coisa...	Carlota...

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
64	— O Análogo	David Goodis
	As Idéias Clássicas I	David Goodis
	Cântico	David Goodis
	Amoroso	David Goodis
	O Princípio...	David Goodis
65	— Ritual	Tico Lindo
	O Pirata Pirado	Tico Lindo
	A Bailarina	Tico Lindo
	A Noite	Tico Lindo
	O Povo é Feliz	Tico Lindo
66	— Amor	Margarida...
	O Sertanejo	Margarida...
	Nós	Margarida...
	Viver	Margarida...
	Reflexos e Reflexões	Margarida...
67	— Alquimia I	E. T. Pozzaz
	Summa	E. T. Pozzaz
	Vã	E. T. Pozzaz
	Bruta	E. T. Pozzaz
	Flávia Navy	E. T. Pozzaz
68	— Sentido de Hora	Francisco...
	A Flor	Francisco...
	A Espera	Francisco...
	A Cidade	Francisco...
	A Praia	Francisco...
69	— O Ser Torna-se...	Alentejo
	Para Elis Regina	Alentejo
	Para Glauber Rocha	Alentejo
	Para Vinícius de...	Alentejo
	Abro a Porta...	Alentejo
70	— Bacante	Clodianis
	Boca de Forno	Clodianis
	Olhar Imóvel	Clodianis
	Dionisiaca	Clodianis
	Noite Dionisiaca	Clodianis
71	— Retrato Lambe-Lambe	Luar/82
	Conquista	Luar/82
	Perdão	Luar/82
	Diógenes	Luar/82
	Pai Herói	Luar/82

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
72	— Onde Me Encontrar	Iko
	Noite	Iko
	Metamorfose	Iko
	Carnaval	Iko
	Partida	Iko
73	— Poiesis	João Pierce - 2º lugar
	Mudança de Estado	João Pierce
	Piúma	João Pierce
	Impressão	João Pierce
	Goeldi	João Pierce
74	— Vegetália	Ganimedes
	5 de Junho...	Ganimedes
	Posição	Ganimedes
	Estrela Cadente	Ganimedes
	Herança do Sol	Ganimedes
75	— Luar	Manela do Binha
	Lacunas	Manela do Binha
	Momento	Manela do Binha
	Merenda Pádua	Manela do Binha
	Ponto Final	Manela do Binha
76	— Encontro	Sobrevivente
	O Trem se Perde...	Sobrevivente
	O Trem se Perde na Noite	Sobrevivente
	Lembranças de Menina	Sobrevivente
	Sobreviventes	Sobrevivente
77	— Poema de Amor Brotado...	Clara
	Dor	Clara
	Medo	Clara
	Apocalipse	Clara
	Laço	Clara
78	— Helena	Hinayana
	Alomorfia	Hinayana
	Memorial	Hinayana
	A Vida nos Ponteiros...	Hinayana
	Livro Mudo	Hinayana
79	— Auto-Retrato I	Diz
	Auto-Retrato II	Diz
	Sina	Diz
	Latência	Diz
	Paisagem	Diz

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
80	— Utopia	Mateus
	Opção	Mateus
	Os Recifes	Mateus
	Prospecções	Mateus
	Aspiração	Mateus
81	— Sede	Chica
	Almas Vazias	Chica
	Hora de Ver	Chica
	Do Viver...	Chica
	Triste Retrato	Chica
82	— Retirante	Marinho
	Crossing-over	Marinho
	Amor	Marinho
	Milagre	Marinho
	Jardim Zoológico	Marinho
83	— Eu Agora Estou...	Ching-Ling
	Senhor do Mundo...	Ching-Ling
	Rã no Mato...	Ching-Ling
	Basicamente Estar...	Ching-Ling
	Amanheci Bélica	Ching-Ling
84	— Amor e Revolução	Canhão
	Tributo a Carlos..	Canhão
	Poemia	Canhão
	Fêmea	Canhão
	Homo Poetiaes	Canhão
85	— Mãe Carente	Nadina
	Mãe	Nadina
	Escuta...	Nadina
	Balada de Amor	Nadina
	Miragem de Sorrisos	Nadina
86	— A Roda	Oferta Grátis
	Comportamento	Oferta Grátis
	Juventudecídio	Oferta Grátis
	A Revoada	Oferta Grátis
	Murros em Pontas...	Oferta Grátis
87	— Casinha	Criança Livre
	Agora	Criança Livre
	Riscando a Areia	Criança Livre
	Metamorfose	Criança Livre
	Até o Dia...	Criança Livre

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
88	— A Palavra...	Navio
	Melhor...	Navio
	O Ar...	Navio
	Claro/Clara	Navio
	Besteira...	Navio
89	— Verdade	Pedrinho
	Bebum	Pedrinho
	João, José Etc.	Pedrinho
	120	Pedrinho
	Gaiola	Pedrinho
90	— Deterioração do...	Leninha Lana
	Destino Desvairado	Leninha Lana
	Materialização do...	Leninha Lana
	Raios Sinistros	Leninha Lana
	Devaneio	Leninha Lana
91	— Morde Meus Seios...	Tarumã Marê
	Eis o Ataque...	Tarumã Marê
	Eu ia Tudo...	Tarumã Marê
	Madeira de Fogo...	Tarumã Marê
	Pela Janela...	Tarumã Marê
92	— Fundo	Tuna Bastos
	Esta é a Morada...	Tuna Bastos
	Preciso Escrever...	Tuna Bastos
	Tudo Suspenso...	Tuna Bastos
	Fundo	Tuna Bastos
93	— Caminhos de Zinco	Curumim
	Vou Viver...	Curumim
	Que Tem...	Curumim
	A Fina Flor do...	Curumim
	Borbulhoca Oca...	Curumim
94	— Sol Fim	Mariluzes
	Assim Lívido...	Mariluzes
	Cantarás Dormindo...	Mariluzes
	Outonamente	Mariluzes
	Soldadinho do Nada...	Mariluzes
95	— Descuido	Muriçoca Rouca
	Vaga	Muriçoca Rouca
	Cacos	Muriçoca Rouca
	Urge	Muriçoca Rouca
	Nota	Muriçoca Rouca

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
96 —	Sesta Natureza Morta Para Um Amor... Olhos Mareados Sífide	Antônio Alfa Antônio Alfa Antônio Alfa Antônio Alfa Antônio Alfa
97 —	Visões da Noite João Um Mau Antes... Seca Seca II	Ventania Ventania Ventania Ventania Ventania
98 —	Nó na Garganta Incapacidade Saudade Ainda Amor Fim	Sobrevivente Sobrevivente Sobrevivente Sobrevivente Sobrevivente
99 —	Emboabas Pai... Memórias de um Tempo Luta Por um Amigo Dia de Natal	Moleque Moleque Moleque Moleque Moleque
100 —	Deus Amor Plantio É Preciso Amar Queria Ser... Maria José	Rui Guimarães Rui Guimarães Rui Guimarães Rui Guimarães Rui Guimarães
101 —	Negritude A Geometria do Prazer Mercadores de Sonhos Para Além do... Ferrugem	João Além João Além João Além João Além João Além
102 —	Mensagem Moça Bonita Minha Cidade Dona Sebastiana Apresentação	Santos Divino Santos Divino Santos Divino Santos Divino Santos Divino
103 —	Perda Fim de Ano Entrega Armadilha Libertina	Pandora Pandora Pandora Pandora Pandora

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
104	— Cadeias Partidas	Celso Braga
	Renúncias	Celso Braga
	Rua da Bahia	Celso Braga
	Relato	Celso Braga
	A Quem Interessar...	Celso Braga
105	— Caiu Uma Folha	Preta Pretinha
	Chuva	Preta Pretinha
	Deus-Lua	Preta Pretinha
	Pensando	Preta Pretinha
	A Mão do Dinheiro	Preta Pretinha
106	— Caminho da Montanha	232
	Floreando	232
	Formigando	232
	Só de Brincadeira	232
	Poema de Bolso	232
107	— Ama a Quem Ana	Nívio
	Amor	Nívio
	Lagoa Santa	Nívio
	Mamães	Nívio
	Amo em Segredo	Nívio
108	— Caleidoscópico	Cronópio
	Menino	Cronópio
	A Noite Paralisada	Cronópio
	Não Enviou	Cronópio
	Não Enviou	Cronópio
109	— Meu Poema	Lupi
	Amigo	Lupi
	Amantes	Lupi
	Cárcere	Lupi
	Teus Olhos	Lupi

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- «**Vida Substantiva**», de Pedro Macário — Rio de Janeiro — RJ
- «**Primavera em Trovas**», de Arthur F. Baptista — São Paulo — SP
- «**O Vigia da Tarde**», de Ascendino Leite — Rio de Janeiro — RJ
- «**Vida Felina**», de Sérgio Amaral Silva — São Paulo — SP
- «**Poesia Livre**» — ano V, número 10 — Ouro Preto — MG
- «**Études Portugaises et Brésiliennes**», da Université de Haute Bretagne — nouvelle série III — n° XV — Rennes — France
- «**Boletim Informativo**», do Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo — ano 6, n° 8 — São Paulo — SP
- «**Escolios**» — Revista de Literatura — California State University — volume IV, números 1 e 2 — Los Angeles — California — EUA
- «**Nuevo Hispanismo**», da Universidad Internacional Menéndez Pelayo — número 1, 1982 — Madrid — Espanha
- «**Symposium**», Revista da Universidade Católica de Pernambuco — volume 23, números 1 e 2, 1981 — Recife — Pernambuco
- «**Sumário Actual de Revistas**», do Instituto de Cooperacion Iberoamericano — números 31 e 32 — Madrid — Espanha
- «**Stromata**», das Faculdades de Filosofia y Teologia da Universidad del Salvador — ano XXXVII, números 3 e 4 — San Miguel — Buenos Aires — Argentina
- «**The Centennial Review**», College of Arts and Letters, Michigan State University — volumes XXV e XXVI, números 1 e 4 — Ann Arbor, Michigan — EUA

- «Cuadernos Hispanoamericanos»,** Revista Mensual de Cultura Hispánica — Instituto de Cooperación Iberoamericana — números 381 e 382 — Madrid — Espanha
- «The Yale Review»,** Yale University, volume 71, números 1, 2 e 3 — New Haven — Connecticut — EUA
- «Franciscanum»,** Revista de las Ciencias del Espiritu — Universidad de San Buenaventura — números 69 e 70 — Bogotá — Colômbia
- «Dimensão-Revista de Poesia»,** números 4 e 5 — Uberaba — Minas Gerais
- «Études Portugaises et Brésiliennes»,** do Centre D'Études Hispaniques da Université de Haute Bretagne — volume XVII — Rennes — France
- «Revista de Poesia e Crítica»** — número 8 — Brasília — Distrito Federal
- «Alles Blau in Blumenau»** e **«Quando o Sapo Faz Plum»,** de Eno Teodoro Wanke — Edições Plaqueette — Rio de Janeiro — RJ
- «Clarim e sus Editores»** — Université de Haute-Bretagne — Rennes — France

CARTAS

... meu aplauso pela determinação de levar adiante, há dezesseis anos, uma publicação tão importante...

Luiz Otávio Savassi Rocha — Belo Horizonte — MG

... agradeço o nº 16 da Revista Literária... no meio do valioso material contido nesse fascículo, o que mais me interessou foi o estudo sobre As Veredas do Sertão Rosiano, conciso, claro e instrutivo...

Paulo Rónai — Rio de Janeiro — RJ

... nossa querida Revista Literária, que galhardamente chega ao 16º — uma proeza sua... parabéns pela edição da RL..

Danilo Gomes — Brasília — DF

... da RL, que magestosamente divulga e dignifica novos valores poéticos e, assim, vem enaltecendo nossos instintos literários...

Aldemir Fernandes Lima — Belo Horizonte — MG

... cumprimentando pela excelência da publicação Revista Literária...

**Antônio Praxedes — Ministério da Educação e Cultura
— Brasília — DF**

... parabenizamos a Comissão da Revista, os alunos e toda a UFMG por este exemplo de publicação e de capacidade criadora...

Ivan Lage — Belo Horizonte — MG

... agradecimento pelo envio da soberba Revista Literária...

Oswaldo Lopes de Brito — Ribeirão Preto — SP

... esta Revista que sempre nos alegra...

Andy Petroianu — Belo Horizonte — MG

... Plínio, você é um herói. Fazer uma revista como a RL durante 16 anos merece uma medalha. Desde 1969 venho recebendo a RL, cada vez melhor. A RL é você e ninguém mais...

Fernando J. I. Campos — Brasília — DF

... está cada vez melhor e o conteúdo literário mais aprimorado...

Paulo Sérgio Saturnino — Belo Horizonte — MG

... parabéns primeiramente pela continuidade, o que já é tão difícil e, em segundo lugar, pelo primor das colaborações e criatividade do corpo discente...

Prof. Eticar Kuhn — Franca — SP

... motivo de muito prazer ser um dos recebedores desta maravilhosa publicação. Parabenizo-os pela excelente qualidade, apresentação e conteúdo...

Prof. Carlos Alberto Marinheiro — Batatais — SP

... recebidas enriquecem, a cada dia, o acervo do Centro, o que proporcionará um melhor estudo e compreensão do tempo e sociedade em que vivemos...

Maria Amélia Mello — Centro de Cultura Alternativa do Rio Arte — Rio de Janeiro — RJ

... essa excelente publicação... é uma satisfação... constatar que aí na Universidade os estudantes levam tão a sério o trabalho intelectual... meus parabéns...

Roberto Silva — Natal — RGN

... e agradecemos este belo trabalho...

Alexandre Magno Fernandes Lages — Belo Horizonte — MG

... continuamos a apreciar a RL como veículo, já histórico, e incentivador da criação literária...

Carlos Antônio Fernandes — Belo Horizonte — MG

... há 16 anos tenho acompanhado essa belíssima página da literatura brasileira, escrita com o suor e a garra típica da gente mineira...

Julizar Dantas — Belo Horizonte — MG

JORNALS

... número 16 da RL. A divisão perfeita de seções, que nos trazem, com variedade contos, poemas e ensaios literários, faz desta revista um importante veículo de conhecimento e divulgação literárias...

Coluna «Ponto de Encontro», de Antônio Espescht, Jornal de Minas — 18-07-82 — Belo Horizonte — MG

... excelente publicação de nível superior, realce entre as congêneres (poucas no Brasil)... acreditem: é um privilégio receber, normalmente, um trabalho coletivo como este, representativo, por outro lado, da extraordinária atividade universitária. Exemplar...

**Coluna «Livros», de Oswaldo Lopes de Brito — Jornal
O Diário — 10-07-82 — Ribeirão Preto — SP**

... com atraente apresentação gráfica, já está circulando a Revista Literária do Corpo Discente da UFMG, que há 16 anos vem publicando contos, poemas e ensaios de alunos, professores e ex-alunos da Universidade... a RL tem atravessado com valentia seus maus momentos e chega ao número 16 com seu prestígio consolidado nas letras brasileira e com mais de 600 assinantes no exterior.. a RL vem mostrando que, com esforço e determinação, até uma publicação dedicada à cultura pode sobreviver nos duros tempos atuais...

Jornal «Estado de Minas» — 25-06-1982 — Belo Horizonte — MG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



IMPrensa UNIVERSITARIA

Caixa Postal 1.621 — 30.000 Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil

Edição da

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

